

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO CIÊNCIAS SOCIAIS E
HUMANAS

JENIFER PEDROSO

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA As COMUNIDADES DO
ENTORNO DO COLÉGIO DO CAMPO DA PAZ: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PRÁTICAS
EDUCATIVAS DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO DA PAZ

LARANJEIRAS DO SUL - PR

2023

JENIFER PEDROSO

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA AS COMUNIDADES DO
ENTORNO DO COLÉGIO DO CAMPO DA PAZ: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PRÁTICAS
EDUCATIVAS DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO DA PAZ**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul-*campus* Laranjeiras do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Hammel

LARANJEIRAS DO SUL - PR

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Pedroso, Jenifer

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA AS
COMUNIDADES DO ENTORNO DO COLÉGIO DO CAMPO DA PAZ: UMA
ANÁLISE A PARTIR DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO COLÉGIO
ESTADUAL DO CAMPO DA PAZ / Jenifer Pedroso. -- 2023.
80 f. : il.

Orientadora: Profª Drª Ana Cristina Hammel
Co-orientador: Profª Drª Vitor de Moraes
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Interdisciplinar em Educação do Campo:
Ciências Sociais e Humanas, Laranjeiras do Sul, PR, 2023.

1. Escola; Educação do Campo; Práticas Pedagógicas.
I. Hammel, Ana Cristina, orient. II. Moraes, Vitor de,
co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul.
IV. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

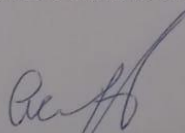
JENIFER PEDROSO

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA AS COMUNIDADES DO
ENTORNO DO COLÉGIO DO CAMPO DA PAZ:
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO COLÉGIO ESTADUAL
DO CAMPO DA PAZ**

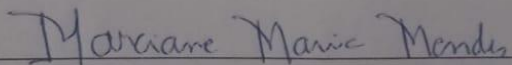
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Educação do Campo – Licenciatura,
da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito para obtenção do título de
Licenciado(a).

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 19/07/2023.

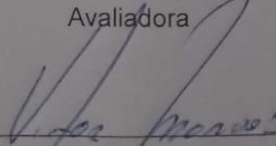
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ana Cristina Hammel – UFFS
Orientadora



Profa. Dra. Marciane Maria Mendes – UFFS
Avaliadora



Prof. Dr. Vitor de Moraes – UFFS
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus familiares, pelo apoio e amparo nesta caminhada acadêmica. Sem o apoio e o incentivo deles certamente não concluiria esta jornada diante de tantas mudanças e dificuldades ocorridas pelo caminho.

Agradeço a todos os professores que estiveram me apoiando desde o início, desde ao ensino médio até as que iniciaram comigo na vida acadêmica. Desta forma quero agradecer aos professores do Colégio Estadual do Campo de Paz, e em especial ao Diretor Cristiano M. Sottomaior, que prestou auxílio desde o início da minha carreira acadêmica, sempre muito prestativo e incentivador. Todos vocês tiveram e têm influência na minha formação não apenas acadêmica, mas como pessoa, acredito que cada um de vocês servem como exemplo de como posso ser uma boa professora.

Deixo um agradecimento especial para a professora-orientadora Ana Cristina Hammel, pela orientação e dedicação.

Agradeço também a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) por ter aberto as portas do meio acadêmico não só para mim, mas para os jovens do campo, aos professores que não é possível citar nomes de todos mais que estiveram sempre nos prestando apoio e nos dando incentivo, pois durante estes anos tivemos muitos obstáculos, com período pandêmico, e sem a dedicação e luta de todos não seria possível concluir o curso.

Agradeço também aos técnicos que nos prestaram apoio e se preocupam conosco sempre incentivando a resistir, a eles também as meninas das limpezas que nos descontraíram nos dias em que a vontade era desistir.

Por fim quero agradecer os meus colegas de curso e da UFFS, esses que nos encontrávamos nos intervalos para nos distrair um pouco e falar sobre a vida na UFFS, esses que não são apenas colegas, se tornaram grandes amigos, estavam sempre prestando apoio nos momentos difíceis, sempre incentivando a continuar.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender as práticas pedagógicas, que dialogam com os princípios da Educação do Campo no Colégio Estadual do Campo de Paz, localizado na comunidade da Paz no município de Candói/PR. A pesquisa busca aprofundar historicamente o conceito de Educação do Campo e os principais documentos produzidos a partir da luta pela educação do campo e como a escola se relaciona com os princípios e matrizes sistematizados nesses documentos. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa e bibliográfica, com realização de entrevistas semiestruturadas com a comunidade escolar. Portanto, este trabalho foi dividido em três capítulos, em primeiro momento, apresenta-se o conceito de Educação do Campo e Educação Rural, por meio deste, faz-se uma diferenciação entre os mesmos e situa historicamente um pouco da luta pela Educação do Campo. Neste capítulo também retrata o modo de vida econômico, social e cultural das comunidades no entorno do Colégio da referida pesquisa, buscando situar os diferentes sujeitos presentes na comunidade e a diversidade em sua cultura. No segundo capítulo, situa-se historicamente a comunidade da Paz, onde se localiza-se o Colégio pesquisado. Esse capítulo aborda a história da formação da comunidade, citando os pioneiros, os primeiros comércios e a formação da escola. Diante disso, destaca-se as primeiras escolas, pois, considera-se que, antes do surgimento da Escola da Paz, haviam as escolinhas rurais, nas comunidades do entorno, que foram nuclearizadas para a Escola da Paz e, esta atende até os dias atuais. Em relação às comunidades no entorno, é onde vivem os sujeitos entrevistados, que contam um pouco da vida no campo, enquanto moradores e estudantes das escolas desativadas. Para situar as comunidades, apresenta-se um mapa, onde mostra geograficamente a localização dessas comunidades. Em relação ao Colégio da Paz, esse texto traz um pouco da trajetória histórica e política, também enaltece a mobilização da comunidade para a construção da mesma, diante disso, desenvolve um relato sobre processo de transformação escolar político e de nomenclatura. A partir desse momento surgiu o reconhecimento, enquanto Educação do Campo e, deste a gestão democrática que a direção estabelece. A partir da gestão da direção atual, conforme entrevista com o diretor, se estabelece esforços para deixar a educação do campo presente, enquanto reconhecimento por meio dos sujeitos. No terceiro capítulo, retrata as práticas pedagógicas e, por meio delas, a conexão com os princípios e as matrizes da Educação do Campo, procurou-se mostrar a referida importância do uso de práxis na vida dos sujeitos e, também como diferencia a educação atuante sobre ela, destas também há uma análise de possibilidades de ação e os desafios colocados sobretudo a partir do uso das novas tecnologias e controle estatal nas escolas públicas paranaenses.

Palavras-chave: Escola; Educação do Campo; Práticas Pedagógicas

ABSTRACT

The present work aims to understand the pedagogical practices, which dialogue with the principles of Rural Education at Colégio Estadual do Campo de Paz, located in the community of Paz in the municipality of Candói/PR. The research seeks to historically deepen the concept of Rural Education and the main documents produced from the struggle for rural education and how the school relates to the principles and matrices systematized in these documents. The methodology used is of a qualitative and bibliographical nature, with semi-structured interviews with the school community. Therefore, this work was divided into three chapters, at first, the concept of Rural Education and Rural Education is presented, through this, a differentiation is made between them and historically situates a bit of the struggle for Rural Education. This chapter also portrays the economic, social and cultural way of life of the communities around the College of the aforementioned research, seeking to situate the different subjects present in the community and the diversity in its culture. In the second chapter, the community of Paz is historically situated, where the researched College is located. This chapter addresses the history of the formation of the community, citing the pioneers, the first trades and the formation of the school. In view of this, the first schools stand out, as it is considered that, before the appearance of the Escola da Paz, there were rural schools in the surrounding communities, which were nuclearized for the Escola da Paz and, this one serves until the present day. current. In relation to the surrounding communities, it is where the interviewed subjects live, who tell a little about life in the countryside, as residents and students of deactivated schools. To locate the communities, a map is presented, which geographically shows the location of these communities. In relation to the Colégio da Paz, this text brings a little of the historical and political trajectory, it also praises the mobilization of the community for the construction of the same, before that, it develops a report on the process of school transformation, political and nomenclature. From that moment came the recognition, as Education of the Field and, from this, the democratic management that the direction establishes. From the management of the current direction, according to an interview with the director, efforts are established to leave education in the field present, as recognition through the subjects. In the third chapter, it portrays the pedagogical practices and, through them, the connection with the principles and matrices of Rural Education, an attempt was made to show the referred importance of the use of praxis in the lives of the subjects and, also, how it differentiates the active education about it, there is also an analysis of possibilities for action and the challenges posed mainly from the use of new technologies and state control in public schools in Paraná.

Keywords: School; Field Education; Pedagogical practices

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Localização da Comunidade da Paz e Comunidades Entorno.....34

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01- Família Furquim em frente a atual Laminadora.....	35
Imagem 02 - Construção da loja família Furquim de Mattos.....	35
Imagem 03- Armazém secos e molhados da família Furquim de Mattos.....	35
Imagem 04- Visita dos Padres Franciscanos na comunidade com a imagem da padroeira Nossa Senhora da Paz em frente ao atual ginásio de esportes.....	37
Imagem 05- Escola rural da Barra Mansa.....	40
Imagem 06- Escola da Paz anos 1970.....	42
Imagem 07- Professores do Colégio da paz década de 1970.....	43
Imagens 08 e 09 - Festa junina no Colégio da Paz e 1º Desfile Cívico em 1977.....	43
Imagem 10- Palestra Profº Eloá/UFFS	49
Imagem 11- Atividade dia da mulher.....	50
Imagem 12- Palestra da Saúde.....	51
Imagem 13- Passeio ciclístico contra o Aedes Aegypti.....	52
Imagem 14- Combate ao Bullying.....	53
Imagem 15- Consciência Negra.....	54
Imagem 16- Projeto Remanescentes Quilombolas.....	55
Imagem 17- Conhecendo a Comunidade Indígena.....	57
Imagem 18- Festa Junina.....	58
Imagem 19- Concurso de Poesia.....	59
Imagem20- Café Literário.....	60
Imagem 21- Garota e Garoto Colegial.....	62
Imagem 22- Feira Cultural.....	63
Imagem 23- Feira Quimiofisicando.....	64
Imagem 24- Projeto de música.....	65
Imagem 25- Dia da Árvore.....	66
Imagem 26- Dia do Rio.....	67
Imagem 27- Manutenção da Horta e Jardim.....	68
Imagem 28- Jogos Escolares.....	69
Imagem 29- Formação de Professores.....	69

LISTA DE SIGLAS

APMF- Associação de Pais, Mestres e Funcionários

ART- Anotação de Responsabilidade Técnica

BNCC-Base Nacional Comum Curricular

CEB- Câmara de Educação Básica

CNE- Conselho Nacional de Educação

FONEC-Fórum Nacional Por uma Educação do Campo

I ENERA- I Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária

LDBEN- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC- Ministério da Educação

PDM-CANDÓI- Plano Diretor Municipal de Candói

PIBID- Programa de Institucional de Bolsistas de Iniciação à Docência

PPP- Projeto Político Pedagógico

PRP- Programa Residência Pedagógica

SEED- Secretaria de Educação do Estado do Paraná

SECADI- Secretaria de Educação Continuada Alfabetização Diversidade e Inclusão

NRE- Núcleo Regional de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE E DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS	18
1.1 A LUTA POR EDUCAÇÃO DO CAMPO E A CONQUISTA DA LEGISLAÇÃO.....	19
1.2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E OS SUJEITOS DO CAMPO.....	22
1.3 TRAJETÓRIA DA ARTICULAÇÃO POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS CONQUISTAS LEGAIS.....	25
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO COLÉGIO ESTADUAL DA PAZ: ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA COMUNIDADE E ESCOLA	31
2.1 AS PRIMEIRAS ESCOLAS NAS COMUNIDADES DO ENTORNO DA PAZ.....	39
2.2 O COLÉGIO DE PAZ: FATORES HISTÓRICOS E POLÍTICOS QUE APROXIMAM DOS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	41
3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE CARACTERIZAM UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO	47
3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA.....	48
3.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO DE PAZ.....	50
3.3 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O VÍNCULO COM A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve por objetivo compreender quais são as práticas pedagógicas que possibilitam a aproximação do Colégio Estadual da Paz com os princípios filosóficos e metodológicos e das matrizes pedagógicas da Educação do Campo, dado que esse tem assumido, desde o seu Projeto Político Pedagógico (PPP) o compromisso com o atendimento a questões relacionadas às comunidades rurais e ao público que frequenta o colégio/escola¹.

Para tanto foi realizado um levantamento das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo Colégio, de forma a analisar se elas atendem aos interesses dos sujeitos do campo, buscando perceber como os conhecimentos repassados no processo educativo dialogam com a realidade do campo na região e com a Educação do Campo no colégio.

A pesquisa foi realizada por meio de um levantamento histórico, o qual buscou identificar a historicidade das escolas do campo na região e como o colégio se aproxima ou se afasta da história, a hipótese é que a este tem resistido ao processo de fechamento e nucleação das escolas nas comunidades, pois acabou por receber os estudantes das escolas fechadas, como demonstramos no mapa no capítulo 2.

Também realizou-se um levantamento das práticas pedagógicas desenvolvidas pela escola, foram categorizadas entre aquelas realizadas em sala de aula e aquelas propostas em espaço para além da sala de aula. Buscamos perceber também a interação entre a equipe diretiva da escola, os docentes, os estudantes e a comunidade escolar. Procurou-se elencar princípios e fundamentos da gestão democrática e a relação com a forma escolar estruturada pelo modelo hegemônico de escola na sociedade capitalista. Neste sentido, foi necessária uma revisão bibliográfica no sentido de retomar a produção da Educação do Campo e das escolas do campo, buscando perceber mudanças na legislação em âmbito nacional, mas sobretudo no Paraná. Percebeu-se que esse é um processo recente, com muitos descompassos, mas que permitiu num curto espaço de tempo gerar uma compreensão no âmbito do direito e do reconhecimento de uma realidade específica, muitas vezes, excluída e negada, no campo brasileiro.

O interesse pela pesquisa decorre da inserção no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura, pois durante a graduação foi possível adentrar em questões relacionadas à Educação do Campo que nos levaram a questionar como as escolas que atendem os estudantes camponeses que dialogam com a produção teórico-metodológica da Educação do Campo. O convívio no colégio e a aproximação com professores

¹Em alguns casos usaremos o termo escola ao referir-nos ao Colégio Estadual do Campo de Paz.

e estudantes por meio do Programa de Institucional de Bolsistas de Iniciação à Docência (PIBID)² oportunizou um diálogo com a realidade que se pretende estudar e sistematizar por meio da pesquisa, sendo essa também uma contribuição com o coletivo da escola a partir das aproximações e distanciamentos permitidos na análise das práticas e da produção teórico-metodológica da Educação do Campo.

Neste sentido, o trabalho se coloca como um instrumento de diálogo entre a produção teórica da Educação do Campo e da realidade das escolas que recebem estudantes camponeses, como é o caso do referido colégio. Visa entender os meandros engendrados na prática educativa em meio ao avanço de políticas neoliberais e de controle empresarial assumidos pela política educacional paranaense no último período (2015 – 2023). Assim, surgiu uma demanda em saber como estão sendo executados os princípios da Educação do Campo frente à ofensiva neoliberal nas escolas públicas paranaenses.

Foram realizadas leituras sobre o que é uma Educação do Campo, Educação rural no sentido de diferenciá-las e o contexto de aplicabilidade de cada uma delas no referido colégio. Neste sentido, este trabalho está embasado na “Educação do/no Campo”, através de estudos de autores como CALDART et al. (2012), ARROYO et al. (2004), FERNANDES (2011), MENDES (2017), CARVALHO; COSTA et al. (2012).

A pesquisa foi motivada a partir da opção do colégio em assumir em sua nomenclatura a Educação do Campo, feita através de uma consulta à comunidade e aos estudantes pela direção da escola, que além do diálogo com os envolvidos, considerou a identidade de sujeitos do campo. A partir da nova nomenclatura presumiu-se que houve alteração na prática pedagógica dos docentes para abranger os princípios defendidos na Educação do Campo. Assim, o objetivo central é entender esse processo desde o processo de assumir a identidade do campo e as alterações elencadas a partir de então.

Como objetivos específicos a pesquisa pretendeu situar geograficamente e historicamente o Colégio Estadual do Campo de Paz; listar e averiguar as práticas pedagógicas e as possibilidades de aproximações com os princípios orientadores da Educação do Campo.

Para tanto, foram realizadas entrevistas com professores, direção e pedagogos do colégio, a fim de mapear as concepções e o trabalho desenvolvido por esses sujeitos na escola.

²A proposta do PIBID possibilita aos alunos, bolsistas e voluntários, vivenciarem à docência na educação básica durante a sua graduação. Nesse tempo, os acadêmicos tiveram a oportunidade de conhecer, vivenciar e experienciar todos os espaços escolares. As atividades desenvolvidas pelos bolsistas foram objeto de análise e discussão com vistas ao seu próprio amadurecimento, bem como a melhoria da qualidade do ensino da prática pedagógica das escolas públicas. Com vistas a atender essa demanda no contexto da mesma região da Fronteira Sul, a UFFS se propõe a integrar ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, conforme o Edital CAPES nº 2/2020.

Neste sentido destaca-se o trabalho do diretor Cristiano Macedo Sottomaior³ onde busca extrair na escola uma gestão democrática⁴, coletiva e atuante, no qual busca sempre manter a identidade dos estudantes e a relação próxima com a comunidade, bem como sua preocupação com cada um que frequenta a escola. Desta forma, considerando período pandêmico vivenciado entre os anos de 2019 a 2021, a escola teve que ressignificar muitas práticas e foi afetada sobremaneira pelo uso das tecnologia e aulas a distância e por plataformas. Esse período exigiu da direção da escola e dos professores um exercício extra de contato com os estudantes e as famílias.

Para a realização do histórico do Colégio Estadual do Campo de Paz foi realizado pesquisa documental a partir do Projeto Político Pedagógico (PPP) e escuta de moradores mais antigos. Também foi realizada a leitura e a sistematização dos principais documentos que embasam a Educação do Campo e a atual política educacional do Paraná, buscando entender em que medida se aproximam ou se afastam da Educação do Campo e da prática pedagógica adotada na escola.

O texto foi organizado em três capítulos. O primeiro tratou da contextualização de Educação do Campo, das diferenças entre ela e a educação rural, buscando compreender o projeto de campo da agricultura camponesa e do agronegócio para assim, estabelecer conexões entre o projeto de campo e a educação escolar.

No segundo deste trabalho buscou-se situar geograficamente e historicamente a comunidade onde a escola está inserida e as comunidades do entorno. Para isso foi feito um resgate histórico através dos relatos de moradores antigos das comunidades e de seu entorno, onde existiam as escolas rurais multisseriadas, como eram chamadas entre os períodos de 1960-1970. Também tratou-se da nuclearização que atingiu a região entre os anos de 1980-1990. Com o fechamento das escolas nas comunidades houve uma transferência desses estudantes para a escola Emílio Francisco Silva, localizada na Paz.

O capítulo apresentou ainda, o histórico da formação da Paz, onde está situada a escola estudada, também descreveu como era a vida social, cultural e econômica nas décadas referidas, apresentando a forma de organização coletiva das famílias, a dificuldade de acesso e o trabalho na agricultura camponesa e nas casas de comércio da Paz.

³Cristiano Macedo Sottomaior Graduado em Educação artística com habilitação em música pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP)-Curitiba-PR em 2004. Especialista em Música Popular Brasileira no Ensino da Música pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP) em 2008, Especialista em Educação do Campo pela Faculdade São Bráz-Curitiba-PR em 2012, Cristiano é professor concursado no Colégio Estadual do Campo de Paz, diretor atuante na escola como auxiliar gestão 2013-2014, atualmente com diretor desde o ano de 2016.

⁴A Gestão Democrática está baseada na coordenação de atitudes e ações que propõem a participação social, ou seja, a comunidade escolar (professores, alunos, pais, direção, equipe pedagógica e demais funcionários) é considerada sujeito ativo em todo o processo da gestão, participando de todas as decisões da escola.

No terceiro capítulo apresentou-se as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola e dialogam com os princípios e matrizes da Educação do Campo. Foi realizada uma breve descrição da ação e buscou-se perceber como conectam-se com a questão da realidade e dos fundamentos construídos na escola do Campo. Também foi descrito e analisado a participação do coletivo escolar na realização das práticas, percebeu-se o empenho da direção e de toda a equipe pedagógica, na execução das mesmas, bem como o desafio de conectar elas a realidade camponesa, destacou-se a falta de formação continuada dos professores e o avanço de uma educação empresarial sobre a gestão pedagógicas e as práticas na escola, dificultando o trabalho com as matrizes e os princípios da Educação do Campo.

Por fim, nas considerações finais elencamos três fatores que são possibilidades efetivas do trabalho pedagógico com práticas que se aproximam do almejado por uma escola camponesa, sendo elas a gestão democrática, a matriz da história e da cultura e o estudo da realidade, com aulas para além da sala de aula.

1. A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE E DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS

A Educação do Campo é uma ação, que vai intervir na forma de organizar o trabalho pedagógico nas Escolas do Campo, ou seja, na forma escolar⁵. Busca incorporar nos processos educativos as experiências e a realidade do campo, produzindo práticas vinculadas às necessidades dos camponeses. Assim, é importante apreender os diversos significados e conhecimentos históricos, políticos e culturais do povo do campo, para ir em busca de novas possibilidades de construir essa escola que não está pronta.

Neste sentido, a Educação do Campo incorpora na sua práxis, concepções e metodologias que dialogam com os saberes populares do grupo social a quem se destina, as comunidades camponesas, e vai além, propiciando novos conhecimentos e novas aprendizagens e compreensões, ampliando os conhecimentos previamente já vivenciados.

A educação do Campo se constrói a partir de um coletivo, onde dentro deste coletivo cabe a exposição de ideias e conjunto de práticas ou então troca de conhecimentos seja eles, saberes de cultura, como educação, economia social, desde então entende que dentro do coletivo um aprende com o outro e todos fazem parte, se organiza na forma de que cada um contribua com o que sabe, desde o uso da terra como o uso de ervas medicinais, como também a diversidade na cultura, pois se considera a cultura a partir dos sujeitos e esses são diversos e múltiplos, são agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outro (CALDART, 2004).

A Educação do Campo nasceu por meio de um processo de luta, dos sujeitos do campo, por formação e reconhecimento, pelo direito de estudar nas comunidades. Essa luta é permanente, diante dos avanços do agronegócio no campo brasileiro, que visa a padronização dos costumes e da produção, sem respeitar o modo de vida camponês.

Na luta pela Educação do Campo vários direitos foram conquistados, entre eles um respaldo na legislação que reconhece que a escola do campo deve atender aos interesses da população que ali vive. Neste sentido no próximo item recuperamos o histórico desse processo de luta e avanços, uma luta que é travada não apenas por educação e escola no campo, mas sobretudo a partir de um modo de viver e produzir no campo, do entendimento desse espaço

⁵Entendemos como forma escolar toda organização da escola, desde o currículo à organização do trabalho pedagógico, sobretudo a participação das instâncias e dos setores envolvidos cotidianamente e esporadicamente. Envolve sobretudo concepções e a práxis educativa, a fim de contribuir para um projeto de vida no campo.

como um lugar de vida, um território material e imaterial das populações que ali vivem e trabalham (MENDES,2017).

1.1 A LUTA POR EDUCAÇÃO DO CAMPO E A CONQUISTA DA LEGISLAÇÃO

A Educação do Campo tem em seu nascedouro lutas por educação e por escola de qualidade no campo, por meio da reivindicação das organizações e movimentos sociais de luta pela terra e por políticas públicas/sociais, isso remete a compreender como essa educação é construída, definida, pensada a partir das demandas sociais desses sujeitos, dos saberes populares e da luta por direito à educação do campo. Para Caldart,

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos Sem Terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de Reforma Agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade (CALDART, 2012, p.15).

Assim, a Educação do Campo nasce em contraposição àquilo vigorou por um longo período no país, a chamada Educação Rural, caracterizada por ser aquela de qualidade inferior, sem estrutura física pedagógica, onde a professora tinha pouca formação, na maioria das vezes apenas sabia um pouco mais que seus estudantes, onde os manuais e programas, quando chegavam eram prontos e acabados. As turmas eram pequenas e multisseriadas, a escola possuía apenas com uma sala, normalmente de madeira, construída pela comunidade, e a professora também era secretária, merendeira e zeladora. Antonio e Lucini, pontuam que (2007):

[...]a falta de estrutura da grande maioria dessas escolas fazia com que as professoras/es da zona rural fossem moradoras/es da região, e que a educação ficasse segmentada, tendo de um lado os profissionais e alunos urbanos e de outro os profissionais da zona rural e os alunos “do sítio”. A educação rural não tinha a mesma atenção das escolas urbanas, e isso, acabava por ocasionar um fenômeno denominado de “êxodo rural escolar” (ANTONIO; LUCINI, 2012 p.2).

De acordo com Torres e Simões, destacam a falta de política pública para as escolas do campo. Neste contexto, a educação rural além de ser precária, os autores apontam para as diferenças e o preconceito sofrido pelos estudantes camponeses nas escolas urbanas. Segundo eles, “os alunos oriundos da zona rural, ao ingressarem em escolas urbanas eram discriminados e vítimas de desconfiança, insegurança e preconceitos”. (TORRES; SIMÕES, 2011, p. 2).

Segundo, Simões e Torres (2011), a educação rural caracterizou-se pela presença das salas multisseriadas com professores para atender alunos de séries e idades diferentes, pela

dificuldade de deslocamento de muitos professores, pela baixa escolaridade e pela precária formação. Ficou conhecida como a escola de aprender a ler, escrever e fazer conta.

A educação rural em suas diferentes fases no país, ganha destaque com a Revolução Verde⁶ na década de 1970, quando as políticas educacionais são adaptadas a esse modelo produtivo, sob a justificativa de modernização das escolas e da vida no campo, paralelo a esse discurso acompanhou-se no período a concentração de terra e a expulsão de vários camponeses de suas comunidades.

A Educação do Campo, é gestada no bojo dessas políticas, ou ainda da falta delas, buscando recuperar o sentido educativo para esses povos, e com a garantia do conhecimento e das identidades desses sujeitos, isso implica em considerar presente a cultura na escola, o que demanda a formação dos professores para atuar nesses espaços, bem como o conhecimento e a relação com os movimentos sociais que lutaram para que fosse possível ter o direito ao acesso à educação. Neste sentido, a participação e a promoção de eventos de cunho comunitário, de resgate da memória, a história desses sujeitos, como também a formação docente são questões centrais da proposta educativa da Educação do Campo.

Assim, em contraposição a ideia de escola rural à escola do campo é uma escola que se diferencia das demais, pois assume contexto em que se localiza e assim pauta seus processos educativos e da prática pedagógica, a partir das especificidades do campo, com intencionalidade específica e voltada ao espaço cultural e social onde está inserida. Ela compreende várias questões sociais, econômicas, de meio ambiente e de formação do ser humano.

Para Arroyo e Fernandes: “[...] uma escola do campo é a que defende os interesses da agricultura camponesa, que construa conhecimentos, tecnologias na direção do desenvolvimento social e econômico dessa população” (1999, p. 47), ou seja, uma escola ligada ao mundo do trabalho, da cultura, da produção, também associada à luta pela terra, ao projeto popular de desenvolvimento para o campo. Ao relatar sua experiência o autor define que,

Eu estudei numa escola rural. Sou filho de uma família rural, minha mãe continua lá, na cidadezinha onde nasci, cuidando de galinha, de coelhos, plantando a vinha, colhendo uva, fazendo um vinho maravilhoso. Meu pai viveu sua vida inteira muito apaixonado pela plantação de vinho, e morreu colhendo a uva. Estudei numa escola rural. Lembro da minha escola, não como uma escolinha pobre do “cai não cai”, apenas das primeiras letras. Tenho uma lembrança muito boa da minha experiência na escola rural e é por isso que falo apaixonado que é possível uma nova escola. É possível recuperar a educação básica, recuperar o saber, a cultura, a ética, recuperar os valores próprios de uma educação básica no campo.

⁶A Revolução Verde foi empregada para designar o processo de transformação na agricultura em escala global que se deu por meio do desenvolvimento e incorporação de novos meios tecnológicos na produção. Esse fenômeno teve início na segunda metade do século XX, entre as décadas de 1960 e 1970. Pode ser chamada também de Paradigma da Revolução Verde, por ter representado uma mudança profunda na forma de produzir-se no campo e no aparato técnico utilizado para o desenvolvimento da produção agropecuária.

A escola do campo está inserida no contexto da agricultura camponesa, cujo modo de viver das famílias (CARVALHO; COSTA, 2012 p.116) que, tendo acesso à terra e aos recursos naturais que ela suporta, resolvem seus problemas reprodutivos por meio da produção rural, desenvolvida de tal maneira que não se diferencia o universo dos que decidem sobre a alocação do trabalho dos que se apropriam do resultado dessa alocação. Estabeleceram uma especificidade que lhes é própria, seja em relação ao modo de produzir e à vida comunitária, seja na forma de convivência com a natureza.

Também é a escola daqueles que não tem terra, os arrendatários, bóias-frias, extrativistas, ribeirinhos, assentados e reassentados da reforma agrária, aqueles que vivem em pequenas vilas rurais (distritos). Esses sujeitos que vivem do seu trabalho e do que as famílias agregam, tem como centralidade é a reprodução social dos membros da família e da comunidade, apresentam uma racionalidade distinta daquela das empresas capitalistas, do agronegócio, que se baseiam no assalariamento para a obtenção de lucro, conforme veremos no próximo item, ou seja, interessa a eles a reprodução das famílias, dos costumes, do modo de vida.

O uso corrente da expressão agricultura camponesa por amplas parcelas das próprias famílias camponesas no processo de construção da sua identidade social, pelos movimentos e organizações populares no campo, por organismos governamentais, pela intelectualidade acadêmica e por parcela dos meios de comunicação de massa tem sido crescente nas últimas décadas. (CARVALHO; COSTA, p. 27).

Entender e diferenciar a agricultura camponesa de outras formas de produção, sobretudo a capitalista, implica em saber como identificar um modo de vida específico de uma população que vive da terra e se organiza a partir de saberes próprios e milenares, identificar esses saberes é importante para a escola, na medida fornece subsídios para organizar o trabalho pedagógico e a formação das novas gerações.

A educação do campo é de forma geral, um meio em que os sujeitos sejam educados a partir dos conteúdos definidos em currículos formais, porém com práticas que relacionam, dialogam com seu modo de vida, com a forma produtiva, ou seja, a educação do campo compreende o estudante, como sujeito no processo de produção do conhecimento científico e para que ele consiga, através das práticas pedagógicas construir métodos de ensino que contribuam para pensar formas de sobrevivência nas comunidades rurais. Para Arroyo,

[...] a escola do campo se afirmou na medida em que se entrelaçam com a própria organização dos povos do campo, com as relações de proximidade inerentes à produção camponesa - vizinhança, as famílias, os grupos, enraizar-se e aproximar as

formas de vida centrada no grupo, na articulação entre as formas de produzir a vida. (ARROYO, 2006, p.114).

Assim, a proposta da Educação do Campo é incorporar a cultura camponesa, os desafios do meio social, de forma que a escola faça de fato com que o estudante compreenda o conteúdo científico e relacione com questões de seu dia a dia, e sobretudo prepará-los para contribuir com a comunidade em que o mesmo está inserido.

Portanto, de acordo com Souza e Gehrke (2012):

A educação deve proporcionar a formação de um sujeito autônomo, crítico e reflexivo, consciente de seu papel ativo na sociedade, interagindo com outros sujeitos, com valores e culturas diferenciadas, caminhando para ações e decisões efetivas na transformação da sociedade (SOUZA; GEHRKE, 2012, p.3).

Assim a Educação do Campo presume dar possibilidades ao sujeito que este a partir do conhecimento escolar, possa se desenvolver enquanto ser humano pleno, completo, capaz de se descobrir como autônomo, capaz de contribuir com o meio onde vive e com seus ancestrais e sua comunidade.

Além disso, nesse processo amplia-se o próprio conceito de educação e de escola, pois a coloca na perspectiva de diálogo com as populações atendidas, é pensada a partir das demandas comunitárias, que possibilitem compreender a vida e superar as dificuldades e desafios encontrados.

1.2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E OS SUJEITOS DO CAMPO

A Educação do Campo compreende os diferentes modos de viver relacionados ao campo, e também a diversidade de sujeitos. De acordo com as Diretrizes da Educação do Campo (2002), os sujeitos do campo são aqueles que têm uma raiz cultural própria, um jeito de viver e trabalhar, distinta do mundo urbano e que inclui diferentes meios de ver e se relacionar com o tempo, o espaço, o meio ambiente bem como, de viver e de organizar família, comunidade, o trabalho e a educação. Sendo eles, “agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros. Nos processos que produzem a sua existência vão também se produzindo como seres humanos” (KOLLING; CERIOLI; CALDART 2002, p.11).

Como já tratamos no primeiro item, a agricultura camponesa, compreende formas distintas de organização da produção, desde os princípios de gestão das relações de produção e trabalho sustentadas em relações entre membros da família, em conformidade com a dinâmica

da composição social e do ciclo de vida de unidades conjugais ou de unidades de reprodução familiar até as relações culturais e sociais. Para Neves (2012),

[...]as formas de organização da produção em que a família é ao mesmo tempo proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas. Essa condição imprime especificidades à forma de gestão do estabelecimento, porque referencia racionalidades sociais compatíveis com o atendimento de múltiplos objetivos socioeconômicos; interfere na criação de padrões de sociabilidade entre famílias de produtores; e constringe certos modos de inserção no mercado produtor e consumidor. (NEVES, 2012, p. 35).

Em contraste com o agronegócio⁷, que utiliza trabalhadores contratados, fixos ou temporários, em propriedades médias ou grandes, a agricultura camponesa a gestão da propriedade é compartilhada pela família e a atividade produtiva agropecuária é a principal fonte de renda, além disso, o agricultor tem uma relação particular com a terra, seu local de trabalho e moradia.

O agronegócio, presente dentro das comunidades camponesa, se caracteriza pela presença de commodities⁸, do assalariamento e do uso de maquinaria agrícola, que em muitos casos substitui o trabalho humano. Isso vem gerando problemas como o êxodo rural, a contratação de mão-de-obra no campo, deixando os camponeses sem opções para se manter no campo, havendo a necessidade de sair em busca de oportunidades de trabalho nas cidades.

O avanço do agronegócio, pautado no modo de produção capitalista, ao mesmo tempo que banaliza o modo de vida dos sujeitos do campo, da escola do campo, dificulta e impede o desenvolvimento do modo de vida camponês, que precisa encontrar novas formas para garantir sua reprodução, muitas vezes se integrando a esse sistema de produção. A entrada do agronegócio na agricultura camponesa e na vida dos sujeitos do campo, acaba acelerando o êxodo rural, com a venda das pequenas propriedades, o endividamento e o arrendamento, o que altera e muitas vezes inviabiliza a vida no campo, sobretudo para os jovens que saem e não possibilita viver e suprir as necessidades dos povos do campo.

Segundo Leite e Medeiros (2012) o agronegócio é sobretudo, uma expressão das relações econômicas, mercantis, financeiras e tecnológicas no setor agropecuário do país e na esfera industrial, tanto de produtos destinados à agricultura quanto de processamento daqueles com origem no setor comercial e de serviços.

⁷O agronegócio se refere a todas as atividades econômicas relacionadas ao comércio de produtos agrícolas, onde seu objetivo maior é transformar as atividades agrícolas em mercado.

⁸Commodities são todos os produtos que são produzidos mas não industrializados, ou seja, é a produção de alimentos como por exemplo o milho que depois será mercadoria, mas que possui uma produção de forma agrícola, mas se diferencia pois não é industrializado mas se ad a origem a produtos de indústrias como por exemplo a farinha de milho.

A integração por meio do agronegócio envolve uma cadeia de produção alimentar que interliga vários setores, como a agricultura, a pecuária e a indústria, além do comércio em nível mundial, que produz e consome produtos com cadeias de circulação complexas e com relações de trabalhos precarizadas. Além disso, essa forma de produção implica diretamente na educação e na cultura dos sujeitos do campo, um exemplo disso é a industrial cultural, o chamado agronejo, com músicas, formas de vestir e consumo de bebidas, comidas e outras influências, principalmente sobre a juventude camponesa.

Essa dinâmica tem afetado as famílias camponesas, que como já tratou-se aqui possuiu uma dinâmica própria de organizar a vida e a comunidade. Para Carvalho e Costa (2012),

[...]os camponeses instauraram, na formação social brasileira, em situações diversas e singulares, mediante resistências de intensidades variadas, uma forma de acesso livre e autônomo aos recursos da terra, da floresta e das águas, cuja legitimidade é por eles reafirmada no tempo. Eles investiram na legitimidade desses mecanismos de acesso e apropriação, pela demonstração do valor de modos de vida decorrentes da forma de existência em vida familiar, vicinal e comunitária (CARVALHO; COSTA, 2012, p.26).

Essas famílias são criadoras de seu próprio alimento de subsistência e consumo, e o excedente é vendido dentro da mesma comunidade ou então a sede do município “cidade”.

Esse é o perfil dos sujeitos atendidos pelo colégio, objeto deste estudo, também atende a comunidades quilombolas, onde a maioria vive de pequenas plantações, trabalham como bóia-fria e vendem artesanato, e são oriundos das comunidades de Despraiado, Saleiro, Fatura, Barra Mansa e Volta Grande, conforme mapa apresentado no próximo item.

Essas famílias resistem em suas comunidades a várias formas de precarização e ausência de políticas públicas, tal como a precarização da educação e o fechamento das escolas. Dados recentes, levantados pelas organizações e movimentos sociais camponeses denunciam o fechamento de mais 80 mil escolas no campo, em todo o país⁹.

É notável que anualmente as escolas do campo vêm sofrendo com a queda no número de alunos nas escolas, e escolas do campo, o que tem sido uma justificativa para o fechamento. Também pode se identificar que esta perda de estudantes está ligada ao abandono do campo, as famílias acabam entrando na busca de vida melhor na cidade, e indo embora, os poucos que resistem vem afetados na dinâmica da vida comunitária, incluindo as escolas.

As poucas famílias que permanecem no campo são obrigadas a levarem seus filhos para comunidades maiores e até mesmo para as cidades, muitos são os casos que as famílias vão

⁹Paulo Alentejano e Tássia Cordeiro Brasil de Fato, São Paulo (SP), 29 de Novembro de 2019 às 06:05 “80 mil escolas no campo brasileiro foram fechadas em 21 anos” disponível in <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/29/artigo-or-80-mil-escolas-no-campo-brasileiro-foram-fechadas-em-21-anos>.

embora para os filhos continuarem estudando. Essa situação implica necessariamente na constatação de que a discussão da escola no campo deve estar articulada ao projeto de desenvolvimento para o campo, as políticas públicas, a financiamento, crédito e comercialização, enfim a uma estrutura que permita às famílias viverem no campo.

A luta pela educação do campo produziu no decurso da história algumas constatações e uma série de documentos, cartas e legislação que permitiu por algum tempo ações e uma política educacional voltada para esse território. Neste sentido apresentamos alguns eventos e documentos que no caso do Paraná e do Brasil são centrais nesse processo, tais como: I Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (I ENERA), I Conferência Nacional: Por uma Educação Básica do Campo, Articulação Nacional Por uma Educação do Campo: Declaração 2002, II Conferência Nacional Por uma Educação do Campo, Carta compromisso pela Criação do Fórum Nacional de Educação do Campo, Manifesto do Fórum Nacional da Educação do Campo, Manifesto do Fórum Nacional da Educação do Campo, II Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – ENERA.

Neste sentido, ao estudar e publicitar esses documentos buscou-se explicitar a trajetória e as conquistas legais que podem subsidiar as escolas e as comunidades diante da avalanche das políticas neoliberais¹⁰ e do agronegócio nessas comunidades, bem como explicitar práticas possíveis, a fim de suscitar caminhos de resistências e avanços no contexto estudado.

1.3 TRAJETÓRIA DA ARTICULAÇÃO POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS CONQUISTAS LEGAIS

A Educação do Campo, segundo Gehrke e Souza (2012) é concebida para além da escola, pois está integrada a um projeto de vida social no campo construído pelas pessoas que vivem na e da terra. Sob esse ponto de vista a educação escolar deve ser concebida como uma educação no e do campo (CALDART, 2004), ou seja, como direito universal com acesso a diferentes níveis e modalidades de ensino, para todos os sujeitos, no local onde eles vivem e trabalham, e do interesse desses sujeitos, promovendo a emancipação humana e social.

Este entendimento se deu a partir de um processo de luta por direitos sociais, e aponta para a necessidade da consolidação das políticas públicas voltada para a Educação do Campo pautada desde a articulação dos movimentos sociais.

¹⁰Políticas neoliberais são um conjunto de ideias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do estado na economia, onde deve haver total liberdade de comércio, para garantir o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país.

Um exemplo disso, no Paraná e em outros estados brasileiros, foram as conferências e as audiências públicas promovidas a fim de denunciar a precariedade das escolas e da oferta de educação no campo, em diversas regiões do país.

No ano de 2000 ocorreu no pequeno município de Porto Barreiro¹¹, entre os dias 02 a 05 de novembro, ocorreu o encontro da Articulação Estadual para uma Educação do Campo juntamente com a II Conferência por uma Educação Básica do Campo, com objetivo de buscar direitos e cidadania dos povos do campo (UNICENTRO, 2019).

Segundo dados constantes na Carta de Porto Barreiro¹², o encontro/conferência

Reuniu 450 educadoras e educadores, dirigentes e lideranças de 64 municípios, representando 14 organizações e movimentos sociais populares, sindicais, universidades, ONGs e prefeituras, para refletir a respeito das realidades do campo e trocar experiências sobre os processos educativos. Nesta troca de experiências, constatamos que muitas das dificuldades, que enfrentamos para implementar uma educação de qualidade no campo, são frutos das políticas governamentais que excluem o campo do desenvolvimento nacional. (UNICENTRO, 2019).

A Carta de Porto Barreiro está no marco dos documentos que expressam as demandas e as necessidades de ações para superar a negação e a precarização das escolas e da educação do campo. Ela denunciou o abandono histórico da educação em áreas rurais, a falta de políticas públicas e a negligência do Estado paranaense quando se trata de escolas públicas no campo;

O Paraná é conhecido e reconhecido por seu grande potencial agrícola e pela riqueza na diversificação da produção, sendo privilegiado pelas suas condições climáticas, hídricas, mineral, pela qualidade de seu solo e pela diversidade de seu povo. Entretanto, pobre em políticas agrárias e agrícolas voltadas para os reais interesses e necessidades das populações do campo. Neste contexto, a maior parte da população do campo sofre com a ausência de Políticas Públicas adequadas para suprir suas demandas. (UNICENTRO, 2019, p. 1).

Além de identificar o contexto do campo paranaense, a carta demonstrou o compromisso dos professores presentes com a Educação do Campo e a preocupação com a escola, com “a valorização do Desenvolvimento Humano, como essencial para a consolidação do Projeto Popular para a nação brasileira”, (UNICENTRO,2019) para tanto assumem o desafio de realizar em suas práticas educativas uma educação que atenda as demandas dos sujeitos, respeitando a diversidade de manifestações políticas, econômicas, culturais e socioambientais, considerando seus históricos de luta pela garantia do território, suas identidades e o trabalho camponês.

¹¹Porto Barreiro é um município brasileiro do estado do Paraná. Sua população é de 3.659 habitantes, conforme o censo de 2010 do IBGE. A origem do termo "Porto Barreiro" vem da junção dos termos "Porto Santana" e "Barreirinho", os dois distritos que originaram o município devido à importância dos portos ao seu redor.

¹²Carta de Porto Barreiro foi produzida como uma proposta de educação básica que de fato assumisse, a identidade do meio rural, não só como forma cultural diferenciada, mas como ajuda efetiva no contexto específico de um projeto de desenvolvimento no campo.

Ainda no contexto paranaense o ano de 2003 foi um marco para a política educacional no campo no Paraná, nesse ano foi criada a Coordenação de Educação do Campo dentro da Secretaria de Estado de Educação (SEED), e a partir desse momento foi possível desencadear uma série de debates e ações no sentido de consolidar políticas para escolas do campo paranaense.

Entre os anos de 2000 a 2004 vários estados brasileiros realizaram conferências, encontros e debates, decorrentes da Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo, que ocorreu em 1998¹³. Assim, além do Paraná, outros entes federados e algumas regiões criaram articulações estaduais e regionais para debater e propor ações efetivas para educação e as escolas do campo. Neste contexto foi criado o Fórum Nacional Por uma Educação do Campo (FONEC), que envolve uma série de representações e organizações políticas e sociais camponesas e vem desde então se configurando como um importante espaço analítico e propositivo no contexto da educação do campo em âmbito nacional.

Ainda em se tratando das políticas nacionais, o ano de 2002, teve importantes mudanças na legislação, tal como a aprovação da Resolução CNE/CEB 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002, que reconheceu, o modo próprio de vida social e o de utilização do espaço do campo como fundamentais, a ser considerados no currículo das escolas camponesas, bem como a diversidade e a identidade da população rural, indicando uma mudança nas práticas e na organização do trabalho pedagógico.

Vale considerar que a prerrogativa para encontram ressonância desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 9.394, quando estabelece em seu artigo ART. 1º, que “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996, p.2)

E ainda, quando estabelece que as propostas pedagógicas das escolas do campo, devem contemplar a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia, como dispostos nos artigos nº 23, 26 e 28 da LDBEN nº 9394/96.

Assim, desde a LDBEN nº 9394/96 e a Resolução nº 02/2002 que estabeleceu as diretrizes Para uma Educação do Campo, foi possível inserir as práticas culturais na escola, bem como as relações e os desafios da comunidade onde ela está inserida, considerando os sujeitos

¹³A Chamada por uma educação do campo indica o desafio da construção, do processo que foi declarado como conferência. Trata-se de uma proposta de educação básica que de fato assumisse, a identidade do meio rural, não só como forma cultural diferenciada, mas como ajuda efetiva no contexto específico de um projeto de desenvolvimento no campo.

e suas relações de trabalho e dos saberes envolvidos nas relações com a natureza e no desenvolvimento humano e social. Esses pressupostos presumem a participação da comunidade na formulação e na definição do currículo e das práticas pedagógicas, bem como nas demais atividades na escola. Essa forma de conceber a organização da escola tem se aproximado da gestão democrática e da participação direta das instâncias colegiadas, anunciada e recomendada na legislação educacional.

Ainda é importante considerar os documentos legais que são estratégicos para a Educação e as escolas do Campo. A Resolução Nº 2, DE 28 DE ABRIL DE 2008, nela se estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo e o Parecer nº. 1337/2009, de 01/12/2009 e processos nº 330/2010, de 01/03/2010 encaminha solicitação de apreciação de proposta do Departamento da Diversidade, Coordenação de Educação do Campo sobre a identidade e organização das Escolas do Campo da Rede Pública do Estado do Paraná.

A Resolução Nº 2, de abril de 2008 estabeleceu medidas para garantir a uma educação do campo que possa considerar as formas de produção da vida nesses territórios, tais como o regime de colaboração entre os entes federados no planejamento e execução de ações para a “universalização do acesso, da permanência e do sucesso escolar com qualidade em todo o nível da Educação Básica e sempre que necessário e adequado à melhoria da qualidade do ensino” (CALDART, 2002).

Outro avanço no documento é considerar a oferta da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, para as populações rurais que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos, seja o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio, assim como a oferta da Educação Especial, para estudantes residentes no campo. Outra indicação é que em caso da impossibilidade da oferta nas comunidades de origem dos sujeitos, a nucleação deverá ser em espaço rural e levará em conta a participação das comunidades interessadas na definição do local, bem como as possibilidades de percurso a pé pelos alunos na menor distância a ser percorrida.

Em 2007, de acordo com o parecer 2010, o Ministério de Educação criou a secretaria de educação continuada, Alfabetização e diversidade (SECAD) e dentro dela a coordenação nacional de educação do campo e junto deste criou o departamento de diversidade, “assim a coordenação da educação do campo do Paraná encontra-se num território de disputas por financiamentos e objetivação, buscando a territorialização de políticas públicas do Paraná” (PROCESSOS Nºs 1337/2009 e 330/2010).

O Parágrafo único da referida Resolução Nº 2, de abril de 2008 estabelece que, “Quando se fizer necessária a adoção do transporte escolar, deve ser considerado o menor tempo possível

no percurso residência-escola e a garantia de transporte das crianças do campo para o campo” (Resolução Nº 2, de abril de 2008).

No ano de 2010, o Parecer nº 1337/2009, de 01/12/2009 e processos nº 330/2010, de 01/03/2010 encaminha solicitação de apreciação de proposta do Departamento da Diversidade, Coordenação de Educação do Campo sobre a identidade e organização das Escolas do Campo da Rede Pública do Estado do Paraná. De acordo com as diretrizes de educação do campo (2002), estabelece nesse parecer o reconhecimento da nomenclatura das escolas do campo, onde compete às secretarias de educação orientar as escolas do campo para os registros escolares. Esta identidade deve ser definida enquanto comunidades escolar e local.

Neste documento outro avanço pode ser destacado como a preocupação com as condições de infraestrutura para o funcionamento da escola do campo, bem como a responsabilização as secretaria da educação de implementar a gestão e garantir políticas para as populações rurais nas escolas do campo, formação continuada aos profissionais de educação voltadas a cultura do campo, criar projeto pedagógico que busque identidade cultural, o tempo e espaço de vida no campo, traduzindo a articulação entre a comunidade e a escola, bem como o compromisso com um programa de sustentabilidade que inserido no cotidiano da escola, alcance a promoção humana nesse espaço da educação básica para a população rural como implementação da educação do campo, onde estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas.

Olhando para a história das políticas específicas para Educação do Campo, os anos de 2022 a 2010, foram de intensa produção e garantia de direitos. Com o impeachment em 2016¹⁴ houve uma certa estagnação e retrocessos, como foi o fechamento da SECADI, no Ministério da Educação, em 2018.

Ao analisar os avanços e retrocessos, Molina (2002) pontua que:

É preciso priorizar o tempo de estudo, é preciso desafiar e transformar o conhecimento em ação, conhecer melhor as experiências dos diferentes movimentos sociais que desenvolvem ações educativas no meio rural, é preciso consolidar um espaço permanente de debate, de reflexão sobre o que estamos fazendo e sobre o que acontece no campo e ao nosso redor e em nosso país. (MOLINA, 2002, p.27)

¹⁴O principal objetivo do impeachment foi o enquadramento do Brasil na agenda neoliberal, que, por quatro eleições presidenciais consecutivas havia sido derrotada nas urnas. Para tanto, uma das primeiras ações dos interessados no golpe foi a formação de uma oposição selvagem no Congresso. Seu objetivo era impedir o governo recém-reeleito de governar, criando uma grave crise fiscal. Para isto, lançaram mão de pautas-bomba que aumentavam gastos e reduziam receitas. Impediam também, de forma sistemática, a aprovação de projetos cruciais para a estabilidade econômica do país. E, nos primeiros seis meses de governo, apresentaram 15 pedidos de impeachment a Dilma Rousseff.

A reflexão da autora destaca a importância da mobilização, do estudo e da produção do conhecimento para além da política pública, pois somente assim será possível efetivar as conquistas legais, com constante espaço de vigilância e luta.

No Paraná em 2013, após treze anos de carta do porto Barreiro, aconteceu um novo encontro massivo da Articulação Paranaense Por Uma Educação do Campo em Cândói-Pr, com aproximadamente mil pessoas, onde o grupo era composto por educadores, educandos, pais lideranças, pessoas da comunidade de 120 municípios, representando todas as entidades sociais e escolares para refletir sobre a atual conjuntura da educação do campo, comprometidas com a classe trabalhadora na perspectiva da sua emancipação. Desta forma foram apresentados problematizações e diagnósticos feitos em cada encontro regional e no encontro estadual.

Embora o documento produzido em Cândói, intitulado Carta de Cândói, reafirmasse vários princípios da carta de Porto Barreiro, tais como infraestrutura, formação inicial e continuada de educadores, acervo bibliográfico e material didático que contemplasse a especificidade a diversidade das escolas campo, área de esportes coberta, espaço cultural, dentre outras. Destaca-se também a pauta contra o fechamento dessas escolas e a necessidade de reabertura em algumas comunidades camponesas.

Outras demandas como centros de alternância para formação inicial e continuada, de professores e outros técnicos, reconhecimento da carreira docente de educadores do campo, reformulação curricular, estiveram no debate durante o encontro.

Apesar do amplo debate e dos vários indicativos produzidos em Cândói, os anos que se seguiram foram de precarização e retrocesso, embora o governo do estado mantivesse uma estrutura mínima para atender as escolas do campo, o que acompanhou-se foi o fechamento de mais de uma dezena de escolas rurais, sobretudo nas redes municipais de ensino e a criação de mais cem escolas multianos¹⁵, com as junções das turmas do ensino fundamental II, na rede estadual.

Analisando o processo histórico e a produção em nível de política educacional na última década, consideramos que foram anos de intensa produção e avanço, seja em nível pedagógico, mas sobretudo na compreensão de conceitos e fundamentos estruturantes para a Educação do Campo, também marcou esse período a criação de várias universidades no interior do país e com elas cursos de licenciaturas em Educação do Campo, porém permanece o desafio da regulamentação da carreira.

¹⁵Escola multianos é uma forma de organização curricular implementada em Escolas do Campo com baixa demanda de estudantes. É um processo que está em construção. Por isso, ainda são incipientes os seus elementos constitutivos e as exigências político-pedagógicas de sua implementação constituem-se desafios a serem superados com um longo e profundo processo de formação.

O período pós golpe e a eleições de governos alinhados a políticas neoliberais e privatistas tem colocado novos desafios para a educação e as escolas do campo. Associado a isso tivemos um longo período pandêmico que assolou o país em todos os setores, desde o trabalho, a educação e a vida social e comunitária. Essa situação possibilitou o avanço de tecnologias de controle e de individualização do trabalho pedagógico, o que tem impactado sobre maneira na vida as escolas, sobretudo as do campo.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO COLÉGIO ESTADUAL DA PAZ: ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA COMUNIDADE E ESCOLA

Esse texto foi construído a partir da pesquisa bibliográfica, em documentos históricos e arquivos do Colégio Estadual do Campo de Paz, produções acadêmicas de professores e direção da escola e de moradores da comunidade, também foram realizadas entrevistas com moradores antigos, recuperados fotografias e mapeamento das comunidades do entorno da escola, procurando identificar o perfil do sujeito atendido por ela.

A comunidade da Paz é um distrito pertencente ao município de Candói, com aproximadamente 18 km de distância do Centro Urbano de Candói¹⁶, faz divisa com o município de Foz de Jordão. O limite entre os municípios fica, aproximadamente 500 metros antes da entrada da Fazenda São Pedro, uma divisa seca de aproximadamente uns 200 metros até chegar à nascente do Córrego Talaveira, seguindo o córrego até o Arroio Jacú e deste até chegar ao Rio Jordão às margens da BR 373. (PPP, 2022.)

Segundo dados levantados na Lei Complementar nº 025/2014 da prefeitura municipal de Candói, a comunidade da Paz surgiu aproximadamente em 1919, com a construção de um armazém de secos e molhados, tendo como proprietário o senhor Ladislau, este localizava-se junto à antiga estrada que ligava Guarapuava à Coronel Vivida, via Porto Albertino que passava por dentro da vila, como era chamada a comunidade. Está constitui um aglomerado de casas e pessoas, com serviços básicos de comércio e alimentação ao longo do eixo da estrada velha, que era a sua principal avenida de ligação entre os municípios. (PDM-CANDÓI- PASSOS, 2017¹⁷).

¹⁶ Candói é um município do estado do Paraná, no Brasil, onde se localizam as comunidades rurais analisadas na pesquisa. Sua população, conforme estimativas do IBGE de 2018, era de 15 903 habitantes. O nome do município, de origem kaingang, é referência ao rio Candói, afluente da margem direita do Rio Jordão (Paraná). Outra fonte diz tratar-se de uma homenagem ao líder Candoy, cacique da aldeia kaingang Votorões que eram habitantes do local. (IBGE).

¹⁷ LEI COMPLEMENTAR Nº 025/2014 dispõe sobre as diretrizes do plano diretor municipal de Candói e dá outras providências Art. 1º Fica instituído o Plano Diretor do Município de Candói, como instrumento orientador e normativo dos processos de transformação do Município nos aspectos políticos, socioeconômicos, físico-

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2022), o nome Paz possui dois relatos de origem. O primeiro, conta que o nome se originou a partir da religião católica onde tem como sua padroeira a santa Nossa Senhora da Paz e o segundo, relata que havia uma mercearia muito conhecida e popularmente frequentada, ela originou-se na época em que estava ocorrendo a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e segundo os relatos dos moradores da época, por volta de 1917, chegou ao local com uma casa de comércio o senhor Ladislau de Santana Rosa, onde servia quem ali morava (Entrevista Macedo, 23/04/2023). Esse era um ponto de encontro dos moradores, onde se comentava sobre a guerra, os medos e se pedia a padroeira¹⁸ Nossa Senhora da Paz, que intercedesse pelo fim do conflito. Assim a comunidade foi sendo conhecida como Paz, em homenagem à padroeira, mas também pelos pedidos ao término da guerra.

No ano de 1918, os frequentadores da casa de comércio do Sr. Ladislau, ouviram por meio de um rádio que a guerra havia acabado e a paz no mundo havia voltado ao mundo. O senhor Ladislau achou por bem, nomear seu comércio com o nome de Casa da Paz. O comerciante vendeu a casa de comércio para o senhor Emílio Francisco Silva, o qual mudou o nome para Casa Nossa Senhora da Paz e mais tarde o senhor Emílio, também deu início a construção da primeira igreja da localidade, cuja padroeira era Nossa Senhora da Paz, assim os moradores como a identificar a localidade como Paz (Entrevistado Macedo, 23/04/2023).

A comunidade se destacou por ser um local de encontro, com vários comércios de secos e molhados, paragem de ônibus e caminhões, e alguns acabaram se estabelecendo por ali, como o senhor Antônio Barros que também tinha uma casa de comércio e fazia transporte da comunidade para Guarapuava. Em meados de 1958, outro comerciante que se instalou na localidade foi o senhor Guilherme Milrath, mais conhecido como senhor Vile. Nessa época já havia uma escola, que movimentava a vizinhança, cuja a primeira professora da escola de Paz foi a senhora Doralice.

Pessoas das comunidades vizinhas tais como: Despraiado, Fatura, Barra Mansa, Saleiro, Volta Grande também se encontravam nesses locais, com o passar dos anos foram chegando mais pessoas e outras demandas foram aparecendo.

Nestas comunidades eram comuns as práticas de plantio do milho, arroz, feijão, batata, pipoca, amendoim, entre outros. A colheita era feita pelas famílias que se ajudavam com as

ambientais e administrativos. Art. 2º O Plano Diretor do Município de Candói tem por finalidade precípua orientar a atuação do poder público e da iniciativa privada, prevendo políticas, diretrizes e instrumentos para assegurar o adequado ordenamento territorial, a contínua melhoria das políticas sociais e o desenvolvimento sustentável do Município, tendo em vista as aspirações da população.

¹⁸ Padroeira é uma(o) Santa(o) de homenagem escolhido pela comunidade onde a igreja está inserida, esta tradição é comum dentro da religião católica, a cada capela é escolhido um santo em homenagem onde leva como nome de origem e escolha da comunidade que forma a capela. Este levará o nome da igreja como padroeira(o) que enaltece a fé dos fiéis.

trocas de serviços braçais, o excedente era trocado por alimentos e artigos que não eram produzidos nas propriedades.

Segundo os moradores mais velhos, entrevistados para essa pesquisa, entre os anos de 1950, 1960 e 1970 as famílias eram extensas, compostas por até mais de 16 integrantes, sendo que a maioria, com exceção de idosos, crianças e doentes, trabalhavam nas roças.

A prática do puxirão¹⁹ era comum entre as pessoas da comunidade, seja para roçar, plantar ou colher, sobretudo os alimentos, que eram cultivados em sua grande maioria nas propriedades, e se comprava somente sal, açúcar e café que não se produzia, sendo que muitas vezes o açúcar consumido pela família era o açúcar mascavo.

Os instrumentos de trabalho eram rudimentares e grande parte feito na própria comunidade, tais como o monjolo²⁰, jorna²¹, carroça, arado de tração animal, ferro a brasa, entre outros.

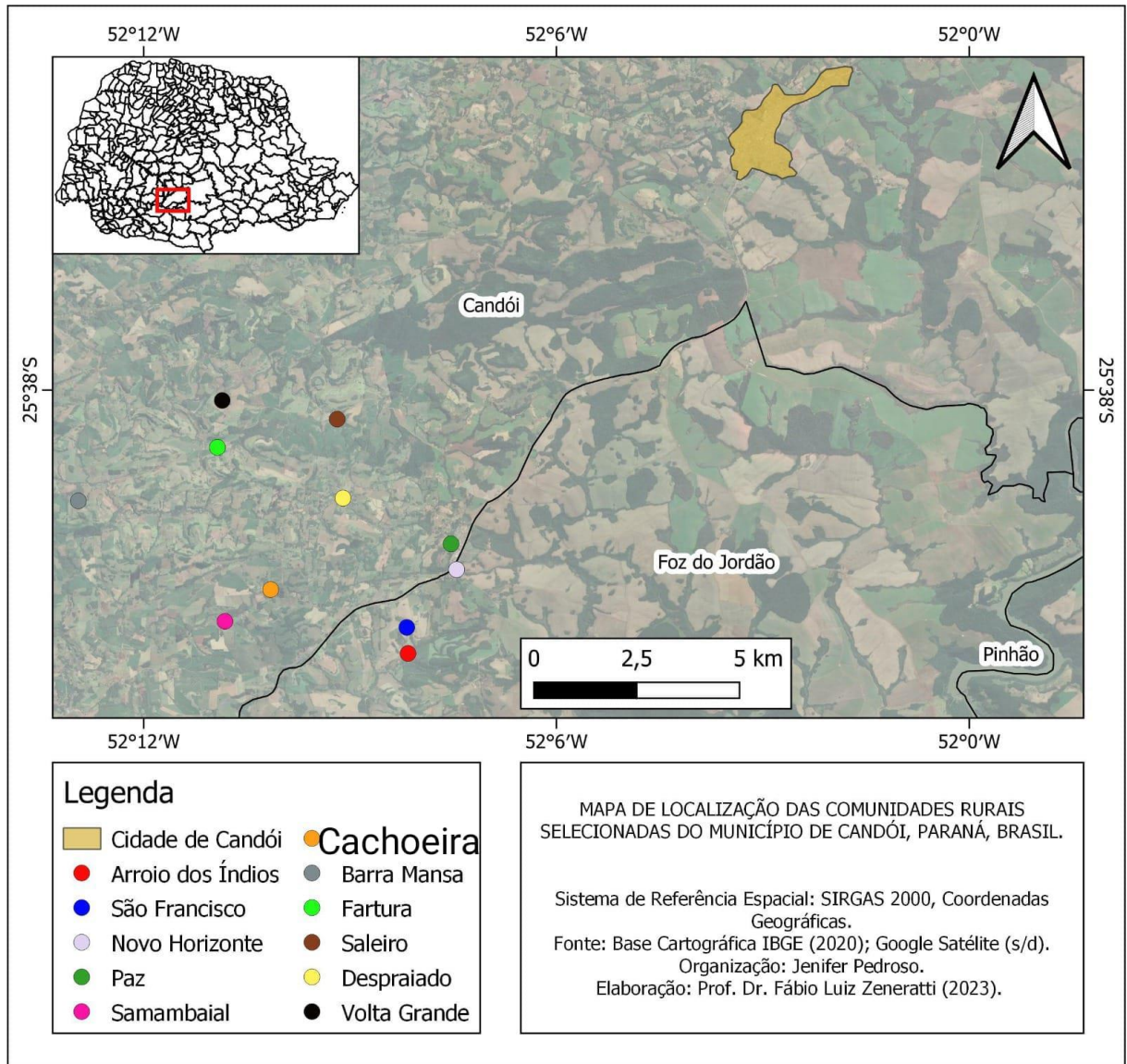
O mapa abaixo localiza as comunidades do entorno da escola, a partir da comunidade da Paz, onde se situa o colégio. A grande maioria das localidades tiveram o fechamento das escolas devido ao baixo número de estudantes, algumas ficam distantes e hoje pertence ao município de Foz do Jordão que no caso das comunidades de Arroio dos índios, São Francisco e Novo Horizonte, outras sinalizadas no mapa que pertencem ao município de Candói tiveram as escolinhas nuclearizadas na escola da comunidade da Cachoeira sendo as escolas das comunidades de Samambaial, Cachoeira e Ilha do Cavernoso que não está sinalizada no mapa pois o ponto de análise não alcançou mas que foi nuclearizada e está representada na escola da comunidade de Cachoeira.

Mapa 01. Localização da comunidade da Paz e comunidades do entorno.

¹⁹Puxirão é uma prática de trabalho coletivo de pessoas que se reuniam “ajudar” o vizinho na plantação, na colheita ou em outro serviço que demandasse maior número de pessoas. Em muitos casos o final do trabalho terminava em festa, com comidas e músicas. Era comum também a troca de dias de serviço, ou seja, os puxirões ocorriam em mais de um vizinho, assim que terminava em uma família era agendada em outro.

²⁰Monjolo é um instrumento hidráulico rústico, destinada ao beneficiamento e moagem de grãos. A ferramenta foi importante, pois dispensava o uso do pilão, que demandava muito mais trabalho e esforço físico.

²¹Jorna é um instrumento de madeira rústica utilizado para moer grãos como milho para realizar quirera, fubá entre outros.



Fonte: ZENERATTI, 2023.

As comunidades do entorno da Paz são rurais com poucos pontos comerciais, caracterizada, cuja maioria dos moradores são agricultores camponeses, que quando necessitavam de algum recurso especializado, como médico e outros serviços se deslocavam até a cidade de Guarapuava, distante 100km do local ou então a Curitiba, capital do Estado Paraná, cerca de 350 Km da Paz. Para o entrevistado B

A paz aqui na minha época pertencia tudo a Guarapuava, meu pai tinha uma rural azul e branca, onde carregava gente doente, mulher grávida, tudo pra Guarapuava, lembro um menino que levou um tiro e veio enlhiado numas toalhas tudo ensanguentado, vieram correndo tudo aqui em casa pra levar para Guarapuava, pois na época o pai era o único que tinha carro então ele fazia muitas corridas, minha mãe era como assistente social da época pois quando a comunidade precisa vinham pedir ajuda pra minha mãe[...]. (ENTREVISTADO B, 09/05/2023).

De acordo com a entrevistada B a comunidade tinha poucos comércios na época dela, havia só o armazém do senhor Barros, a escola pequena, e qualquer serviço relacionado a médico, ou algo mais especializado, precisavam buscar em Guarapuava. A imagem abaixo retrata uma das famílias antigas da comunidade, esse espaço onde hoje está localizado a laminadora era a área de plantio da família.

Imagem 01: Família Furquim em frente a atual laminadora.



Fonte: Acervo pessoal do Entrevistado A, (09 de maio de 2023).

Na imagem é possível perceber que as famílias eram numerosas, com mais filhos, essa era uma das características, uma vez que o trabalho exigia mão de obra, nesse caso familiar e isso também implicava diretamente na escola, pois essas crianças precisavam de escola.

Além de dedicar-se a agricultura muitas famílias tinham pequenos comércios, sobretudo na localidade da Paz, por ser, como já tratamos um local de passagem e ligação entre Guarapuava, Ponta Grossa e o sudoeste do Paraná: Coronel Vivida, Chopinzinho, Pato Branco, Mangueirinha e outros.

Na imagem 2 podemos ver a construção da loja de secos e molhados, segundo o entrevistado A que era membro desta família, neste armazém vendia, frutas, verduras, roupas, sapatos, alimentos, forros de cama, mesa e banho entre outros utensílios. Conta que naquela época os armazéns que existiam vendiam de tudo para que quando precisar os sujeitos não precisassem se deslocar até Guarapuava, deste tinha variedades inclusive em formalidades da época, como casamentos, formaturas entre outros.

Imagem 02: Construção da loja família Furquim de Mattos



Fonte: Acervo pessoal da Entrevistada A, (09 de maio de 2023).

Na imagem mais que a construção da loja, é possível observar a formação da comunidade da Paz, com suas construções modestas, resultado do esforço das famílias, que normalmente abrigava junto com o comércio a casa dos donos.

Imagem 03: Armazém secos e molhados da família Furquim de Mattos.



Fonte: Acervo pessoal da Entrevistada A,(09 de maio de 2023).

Chama a atenção na imagem a diversidade de produtos ofertados no comércio, desde roupas, sapatos, querosene, utensílios domésticos, entre outros. A família Mattos foi um dos primeiros comerciantes na comunidade da Paz já em processos de formação, considerando que antes dessa família chegar até a comunidade havia outras mercearias, porém, a família Mattos ainda possui suas lojas na comunidade, esta permitiu que pudéssemos mostrar como eram os armazéns da época.

Segundo o Entrevistado A, sua família chega na comunidade da paz enquanto ainda era criança, então fala sobre sua infância na comunidade e deixa seu relato enquanto estudante da primeira escolinha da paz, esta que em relato falou sobre a professora Diles e a professora Isulina, também lembra que nesta época seu pai tinha uma serraria tal conhecida como serraria dos Furquim no qual empregou muitas pessoas com o passar dos anos até então que seu pai vende a propriedade. Com o passar dos anos, com o casamento forma o então armazém da foto, só então conta que construiu sua família e passa a fazer parte do processo de formação da comunidade como parte da formação dos primeiros comércios a partir da formação da escola atual.

De acordo com o entrevistado C, antigo morador da comunidade do Despraiado, até os anos de 1970, os estudantes tinham uma escola na comunidade, e a professora da época era a Dorva, porém essa foi nuclearizada e estes levados para estudar na comunidade da Paz. O

entrevistado destaca que terminou seus estudos primários nessa época na escola da Paz, que ofertava apenas os anos iniciais. Segundo ele, a comunidade da Paz apesar de apresentar um pequeno comércio e alguma infraestrutura básica, era muito dependente do município de Guarapuava e relata como era a viagem até lá, todo início do mês, para que algumas pessoas das comunidades fossem comprar seus mantimentos mensais:

Para fazer compra, rancho tinha que ir de caminhão levava 3 dias para ir e 3 dias para voltar, o João Barro ia fazer compra para o Armazém e nós com a mãe e o Tugo ia junto no caminhão Chevrolet branco que ele comprou em Ponta Grossa-PR de puxar tora que para funcionar era na manivela, as pessoas iam lá ficavam dois três dias, mandava fazer sapato no buque, a mão fazia broa e carne de porco para nos comer na viagem, (ENTREVISTADO C, 09/05/2023).

A maioria das famílias vivia das trocas, conta-se que plantava feijão para vender em Guarapuava e trocar por trigo, ou demais mantimentos que não se conseguia plantar, isso acontecia com o milho e o arroz, que também eram trocados,

Então o tempo adiantado ia lá no Colosso no Trento você vendia o feijão e na troca você comprava o que você precisava para durar por 6 meses, então o caminhão trazia na paz e depois tinha uma Toyota que entregava nas casas, isso na década de 90, de 30 anos pra cá que favoreceu, logo o Hamud abriu um mercado no Candói já na primeira mandado do Farah, então logo abriu os mercados do Hamud e do Cabeça na paz, tinha a loja da Dena, a igreja a escola nova, ginásio e assim veio vindo mais coisas.(ENTREVISTADO C, 09/05/2023).

Com a emancipação de Candói²², começam a surgir os primeiros comércios e novas estruturas, como prefeitura, bancos, correios e outros. A Paz se tornou um distrito e algumas estruturas foram melhoradas, como estradas, posto de saúde e outros.

A imagem 04 além de retratar o ideário católico, com visitas dos monges às comunidades do interior do Paraná, demonstra a vegetação presente na época, é notável a presença das araucárias, quase inexistentes nos dias atuais.

²²Candói se tornou município independente de Guarapuava em 27 de agosto de 1990, pela Lei Estadual 9 553, foi criado o município, com o território desmembrado do município de Guarapuava. A instalação oficial deu-se em 1º de janeiro de 1993.

Imagem 04: Visita dos Padres Franciscanos na comunidade com a imagem da padroeira Nossa Senhora da Paz em frente ao atual ginásio de esportes.



Fonte: Acervo pessoal do Entrevistado C, 09 de maio de 2023.

A visita dos Padres Franciscanos católicos ocorreu no dia da festa da padroeira nossa senhora da paz 09 de julho de 1970, de acordo com os moradores antigos, em tempos de festas os padres vinham realizar missões de fé entre as comunidades do entorno, a fim de ajudar também a realizar as novenas de preparação da festa da padroeira.

Segundo o entrevistado C, os padres andavam a pé pelas comunidades pregando o evangelho nas casas das famílias, os mesmos viviam em missões de fé voluntariamente. Esta imagem chama a atenção pelo marco histórico onde aparecem com a imagem da Santa padroeira que também mobilizou inclusive as comunidades do entorno, vale ressaltar que na época as igrejas das comunidades localizam-se nos mesmos espaços que as escolas.

2.1 AS PRIMEIRAS ESCOLAS NAS COMUNIDADES DO ENTORNO DA PAZ

Antes da formação da escola da Paz de acordo com os entrevistados, que eram alunos na época, conta-se que haviam escolinhas rurais nas comunidades, estas eram cedidas por um proprietário que voluntariamente organizava um cantinho do seu paiol para que as crianças pudessem estudar. Algumas eram de chão batido, não tinham carteiras, nem banheiro, a professora nem sempre tinha formação pois naquela época conta-se que bastava dominar um pouco de leitura e noções matemáticas para começar a ministrar as aulas. Ela era responsável pela manutenção da escola, por ensinar os estudantes, por prepara o lanche e as atividades das

estudantes. Essas escolas tinham uma sala, era multisseriada, tinha estudantes de todas as idades, mas que para entrar na escola tinha que ter no mínimo 09 anos.

Essas escolas eram comuns em todas as comunidades, não havia uma política de transporte escolar e no máximo a professora se deslocava até a comunidade, sendo que na maioria das vezes era também morava na comunidade. Nas comunidades de Despraiado e Barra Mansa trabalhavam as professoras Dorva, e Hilda Kruk. As escolas das comunidades da Fatura e Volta Grande atendiam os estudantes das comunidades de Saleiro, Cachoeira, Samambaial. Poucos registros foram encontrados sobre essas escolas, algumas fotografias antigas com moradores, segundo os entrevistados na época era difícil “tirar retrato”, pois era necessário pagar para o Senhor Manuel de Guarapuava para fazer os registros e contam que o mesmo só vinha em eventos religiosos ou escolares.

Em se tratando das escolas nas comunidades do entorno da comunidade da Paz, as primeiras escolas surgiram na década de 1960. Segundo relato da entrevistada A, na comunidade da Paz a escola,

Era uma casa de madeira com poucos recursos, de chão puro, a professora Isulina dava a aula e preparava o lanche enquanto estudávamos, era muitos dedicados, lembro-me do colega Paulo era o mais inteligente da turma ficava imaginando ser inteligente como ele, eu gostava muito de estudar, lá no intervalo brincávamos de peteca, passa anel, era muito divertido, éramos mais ou menos em 20 alunos, a escola era repartida em duas salas, na primeira estudavam de 7 a 11 anos, na segunda sala de 12 a 14 anos, mas nem todos podiam terminar seus estudos, tinham que sair da escola para trabalhar na roça. (ENTREVISTADO A, 09 de maio de, 2023).

Nos anos de 1960, segundo o entrevistado C, as escolas das comunidades ganharam uma estrutura de madeira todas iguais, esse espaço também era utilizado como igreja. Essas escolas muitas vezes eram montadas nos paióis e salas nas casas das professoras, o espaço era muito pequeno e improvisado.

Eu estudei na escolinha da Paz, eram umas escolinhas pequenas de madeira todos iguais, tinham uma sala, era mais ou menos no ano de 63, era no estilo de uma casa, tinha uma área, era alta de cepo e tinha uma escadinha de madeira para subir, nós íamos a pé, na estrada tinha muito cachorro do seu Miliano, se um faltasse o outro não podia ir porque era 32 cachorros um tinha que cuidar o outro, ele morava onde hoje é a casa da Jussara, estudava eu a comadre Zaíra, a Silmira, a Dena, o Arisinho. (ENTREVISTADO C, 09/05/2023).

Essas escolas retratadas na memória e no imaginário dos entrevistados, funcionaram de formas precarizadas de acordo com os entrevistados, com esforço da comunidade e da professora em manter os espaços e fazer diálogos com a mantenedora, que na maioria dos casos

estava muito distante desses locais. Na maioria das escolas era ofertado o Ensino Primário de 1º a 4º série em turmas multisseriadas, entre 12 a 15 estudantes de diferentes idades e fases. O estudo era centrado na alfabetização, leitura e escrita e na matemática, as contas básicas, cantadas nas coisas da roça.

No decorrer da pesquisa, nas entrevistas com os moradores, esses contaram que os estudantes frequentavam as escolas a partir dos 9 anos e ficavam no máximo até os 12 anos, quando as condições de trabalho exigiam a maior presença deles nas famílias. Vale considerar que as famílias eram numerosas e que nem sempre havia possibilidade de continuidade nos estudos para os filhos, uma vez que muitas famílias não tinham condições para estudar nas cidades maiores, o que demandava dinheiro para pagar os estudos.

A imagem da escola na comunidade de Barra Mansa demonstra uma turma de estudantes em meados dos anos 1970, chama a atenção o número de estudantes, a disposição e o vestuário destes o formato de infraestrutura da escola.

Imagem 05: Escola rural da Barra Mansa, professora Hilda Kruk com seus alunos



Fonte: PEDROSO, 2023.

Muitos dos estudantes retratados na fotografia, hoje são professores ou servidores do Colégio da Paz. Durante os anos de 1990 essas escolas passaram por um processo de nuclearização, e esses estudantes foram encaminhadas para o colégio da Paz, e esse passou a atender também as comunidades de Barra Mansa, Fartura, Saleiro, Despraiado, Volta Grande, conforme o mapa da página 26.

Dentre as adequações houve a necessidade da escola da Paz passar a ter duas modalidades atuantes no mesmo espaço, sendo que a Escola Municipal Emílio Francisco Silva

passa a ofertar a séries iniciais e o colégio Estadual de Paz os anos finais e o 2º Grau como se chamava o Ensino Médio na época.

Nas entrevistas realizadas, os moradores relatam que os estudantes se deslocavam a pé ou então a cavalo, somente a partir da década de 2000 que surgiu a oferta de transporte escolar nestas comunidades.

Os relatos constam que foram fechadas mais de 05 escolas do campo nessas comunidades.

2.2 O COLÉGIO DE PAZ: FATORES HISTÓRICOS E POLÍTICOS QUE APROXIMAM DOS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

O texto desse item considerou a entrevista com o diretor Cristiano e o PPP (2022) e arquivos pessoais dos entrevistados e produções acadêmicas sobre o Colégio Estadual do Campo da Paz. Nestes documentos consta que este iniciou sua trajetória em março de 1949, com o Grupo Escolar Francisco Silva, criado pelo decreto nº 03 de 14 de março de 1949, em terreno doado pelo senhor Emílio Francisco Silva.

O diretor Cristiano, sistematizou um relato, não publicado, onde consta que em 1993, o então grupo escolar, passou a se chamar Escola Estadual de Paz ensino de 1º Grau. A Escola Emílio Francisco Silva, continuou no mesmo prédio com uma estrutura em madeira e outra em pré-moldado.

Em 1995 o então chamado Primeiro Grau, passou a funcionar no período matutino e a 5ª e 6ª séries no vespertino. Nessa época o professor Sérgio Roberto de Souza Buco era o diretor. Em 1996, a escola passou a ofertar aulas no período noturno. Neste ano foi inaugurado um novo prédio para o funcionamento do colégio Estadual de Paz e também da Escola Municipal Emílio Francisco Silva.

Olhando para o perfil dos estudantes, a maioria são de origem camponesa, sendo e alguns de origem quilombola, também são filhos de trabalhadores assalariados, remunerados no comércio local. A grande parte dos professores moram na comunidade da Paz, outros vêm das comunidades vizinhas.

O nome do colégio foi dado a partir do nome da comunidade Paz e tem como símbolo a Pomba da Paz.

O Colégio Estadual do Campo de Paz, possui uma boa infraestrutura, tem uma horta, tem muros na parte de trás da Escola e cerca de arame na parte da frente. Não possui grades nas janelas, o que vale notar pelas janelas das salas é a presença de pinheiros e outras árvores

que os alunos plantaram. Sua estrutura física está dividida em blocos nas quais o estado pode contar com: 07 salas de aula, 01 salas de recurso, 01 laboratórios de ciências, 01 laboratórios de informática, 01 bibliotecas, 01 cozinhas, 01 depósito de merenda, 01 secretaria, 01 sala intervalo, 01 sala de professores, 01 sala da Equipe Gestora, 01 banheiro de professores e funcionários, 01 banheiro para portadores de deficiência, 01 banheiro feminino, 01 banheiro Masculino, 01 quadra poliesportiva, construída em 29/09/1996.

Em 1998, a Escola Estadual de Paz Ensino de 1º Grau, passou a se chamar Colégio Estadual de Paz, Ensino de 1º e 2º Graus, com a implantação da 1ª série do Ensino Médio no mesmo ano, e gradativamente foram implantadas as demais.

Durante este período, de acordo com os documentos históricos (Acervo Pessoal Macedo), a escola estava em seu processo de formação, deste estava mudando de estilo enquanto multisseriado e passando a formar salas e turmas de acordo com a faixa etária, também se organizava enquanto formação de Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF) e direção escolar com equipe pedagógica.

As imagens retratam o histórico da escola da Paz em meados dos anos de 1970, o grupo escolar e os professores da época. É possível observar a estrutura do prédio, o vestuário e a disposição nas filas.

Imagem 06: Escola da Paz anos 1970



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).

Na imagem é possível observar a escola da Paz do desfile em comemoração ao 7 de setembro, considerando que nesta época se vivia em tempos de ditadura militar, conta aos

entrevistados que a educação era um pouco rude e que foram impostos uniformes de acordo como mandava as formalidades militares. Neste sentido é possível perceber que devido a crueldade do período histórico a identidade dos sujeitos acaba por ficar escondida, pois considera um período onde a educação era no modelo tradicionalista.

Vale considerar que nessa época a escola ofertava apenas as séries iniciais. Na imagem é possível observar-se o quadro de professores da época.

Imagem 07: Professores do Colégio da paz década de 1970



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).

Outra prática desenvolvida na escola são as festas juninas, nas imagens é possível ver apresentações ocorridas nos anos de 1977, na oportunidade foram encenadas o tradicional casamento caipira e a imagem 11 retrata o Primeiro desfile cívico da Paz.

Imagens 08 e 09: Festa junina no Colégio da Paz e 1º Desfile Cívico em 1977.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo (2019).

A imagem 08 retrata a primeira festa junina no Colégio da Paz, embora seja um momento de distração e lazer a festa junina por muito tempo foi vista como figura pejorativa ao camponês, ligados a personagens como Jeca Tatu²³, ou ainda outros da mesma natureza, associando essas populações ao atraso e a decadência.

Fruto da mestiçagem do branco com o índio, Monteiro Lobato a via como um sujeito preguiçoso, desleixado com a aparência e sem preocupação com a higiene, de pés descalços e roupa maltrapilha, doente, fraco, ignorante, alcoólatra, cheio de crendices; vivendo em extrema miséria, trabalhava para a subsistência mínima da família e, como expectador da vida, assistia a tudo de cócoras, “incapaz de evolução, impenetrável ao progresso” (LOBATO, 1994, p. 91).

Desta forma entende-se que a festa junina onde deveria ser um momento em que enaltecer a cultura dos sujeitos do campo, levou com tempo um momento de discriminação ao modo de vida do campo, bem como sua cultura, desta era horrorizada e vista como atrasada, e incapaz de evoluir.

Em relação a gestão da escola entre 1978 a 1987 a escola era administrada pela professora e diretora Sandra Denise Roth Faria, a partir de 1987 a escola foi administrada pela professora e diretora Idalina Picollo até o ano de 1992. Neste ano ocorreu o desmembramento de 5ª a 8ª série e a escola passou para a jurisdição do Governo do Estado do Paraná e Núcleo Regional .de Ensino de Guarapuava (NRE). (PPP 2022)

Segundo o PPP (2022), em 2001 o professor Edmundo Pereira Netto foi eleito de forma democrática e participativa, para administrar o estabelecimento até o ano de 2002 e foi reeleito para administrar até 31/12/2004. Em 25 de novembro de 2005, aconteceram eleições diretas para a escolha da direção, concorreram os professores Edmundo Pereira Netto e Itamara Forquim Bucco, sendo eleito novamente o professor Edmundo Pereira Netto, que administrou entre os anos 2006 a 2008. Nas eleições que ocorreram em 2009 assumiram a direção os professores Ronaldo Souza Gomides e como diretora auxiliar a professora Mariléia Ivatiuk, em 2011 o professor Ronaldo Souza Gomides foi reeleito para gestão de 2012 até o ano de 2014, mas em abril de 2013 o diretor Ronaldo assumiu outra função deixando a direção do Colégio para a professora Mariléia Ivatiuk e assumiu como diretor auxiliar o professor Cristiano de Almeida Sottomaior Macedo.

²³Jeca Tatu, personagem de Monteiro Lobato como figura pejorativa ao camponês mestiço que tinha vida simples no campo. (LOBATO,1994).

De acordo com o diretor Cristiano a partir outubro de 2013, através da Resolução 4638/2013²⁴ veio ao parecer que solicita a mudança da nomenclatura da escola considerando o reconhecimento da Educação do Campo, neste âmbito, o Colégio Estadual de Paz – Ensino Fundamental e Médio mudou sua nomenclatura para: Colégio Estadual do Campo de Paz– Ensino Fundamental e Médio. Em entrevista com o diretor atual Cristiano Macedo Sottomaio, no dia 23 de abril de 2023 relatou, que neste ano de mudança de nomenclatura, nesta época ele estava como diretor auxiliar e acompanhou todo este processo juntamente a diretora. Segundo ele a comunidade em si de início não aceitava pois tinha aquela ideia de que Educação do Campo é uma educação atrasada, porém em conversa com o mesmo explicou que seria um benefício a escola e não ao contrário.

Diante dessa mudança de acordo com o PPP (2023):

Em 2015 ocorreu novo processo de consulta à comunidade para a direção escolar mais precisamente no dia 07 de dezembro deste ano, onde concorrem os professores Cristiano de Almeida Sottomaio Macedo e Mariléia Ivatiuk sendo eleito eleitos nesse ano e concorrendo novamente em 2021, quando foi reconduzido ao cargo e atualmente está na direção da escola (PPP 2023).

Diante desse processo de mudança além da troca na direção e também de nomenclatura, a partir de 2015 começa um processo de transformação em questões de infraestrutura e também pedagógica, em entrevista com diretor relata e mostra as mudanças impostas para melhoria, pensando nisso em coletivo o diretor relata que decidiu junto ao conselho a enaltecer as práticas pedagógicas que estavam escritas no PPP (2014), estas que muitas vezes estavam frágeis, desta forma, juntamente a equipe pedagógica e o conjunto de professores e decisão coletiva a implementar as práticas descritas neste trabalho a partir do capítulo 3, a fim de enaltecer a Educação do Campo na tentativa de buscar a identidades dos sujeitos que compõem a escola.

Durante esse de transformação enquanto estagiária pela universidade Federal da Fronteira Sul acompanhei o processo das práticas, e o resultado dessa mudança foi positivo aos poucos os estudantes se identificavam com as práticas desenvolvidas, neste âmbito possibilitou entender a importância da Educação do Campo para os sujeitos, e o quão prazeroso se tornava a socialização de estudos, as práticas de iniciativa começaram com muita animação e música, nela onde os professores traziam seus talentos musicais para fazer uma chamada aos

²⁴LEI N° 4.638, DE 9 DE ABRIL DE 2013 Projeto de Lei n° 13/2013 Esta Lei disciplina a arborização urbana e as áreas verdes do perímetro urbano do Município, impondo ao munícipe a co-responsabilidade com o poder público municipal na proteção da flora e estabelece critérios e padrões relativos à arborização urbana, na forma do Título - Ordenamento Urbano, Capítulo VI - Da Arborização Urbana, arts. 94 a 100 do Plano Diretor da Estância Turística de Tupã. Portanto difere que toda escola em perímetro considerado campo deve-se impor o mesmo em nomenclatura considerando então seus critérios de meio cultural.

estudantes, essas práticas eram organizadas no saguão da escola e aberto para que todas as turmas participassem.

A cada organização os estudantes se sentiam mais abertos a participar e logo começaram a apresentar poesias e músicas reproduzidas em notas de violão ou então a voz, além de organizar o diretor fazia questão de registrar estes momentos sempre muito atento, às conversas com os alunos sempre muito atencioso no qual foi possível notar a confiança e o laço que se estabelecia entre estudantes e comunidade escolar como são descritas nas páginas seguintes.

3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE CARACTERIZAM UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO

As práticas pedagógicas são ações conscientes e participativas que visam a atender expectativas educacionais de uma determinada comunidade. Elas servem para organizar, potencializar e interpretar as intencionalidades de um projeto educativo. Busca introduzir de uma forma mais dinâmica o conteúdo organizado para os sujeitos.

A partir deste conceito, a Educação do Campo visa construir práticas que dialoguem com os sujeitos, considerando o meio social, político, cultural da comunidade, incluindo assim, na formação escolar a práxis. Para Hammel (2018) compreende que,

O embasamento teórico voltado para a educação do campo compreende a escola enquanto formadora, humanizada a diversa, acolhedora e cujas práticas pedagógicas precisam ser desenvolvidas a partir de aspectos da realidade local, desde as experiências cotidianas dos educandos, considerando-se que possuem uma história de vida, de cultura, de relação social e de interação com a natureza, em que todos os sujeitos ativos e precisam ser/estar reconhecidos em suas especificidades. (HAMMEL, 2018, p.71).

Caldart (2008) afirma que é “desenvolvendo atividades que levem em conta o conjunto de dimensões da formação humana” (2008, p.105), que a escola será transformadora, e isso requer uma conexão profunda entre teoria e prática e profissionais plenamente capazes de refletir e relacionar as práticas com o cotidiano e o conteúdo dos livros como princípio de formação que dialogue com as necessidades reais de cada estudante.

Neste sentido o capítulo buscou recuperar as práticas desenvolvidas no Colégio Estadual do Campo da Paz, analisando-as enquanto potencial para o desenvolvimento humano em consonância com os princípios e as matrizes pedagógicas construídas desde a Educação do Campo, sobretudo visando entender a relação entre escola e comunidade, os desafios e possibilidades.

Como matrizes fundamentais a serem abordadas na escola do campo, destacamos, como já abordado neste texto, sendo elas a vida, o trabalho, a história/memória, a cultura e a luta social. Ainda considerou-se a partir das Diretrizes paranaenses Por uma Educação do Campo, os eixos temáticos, tais como: trabalho: divisão social e territorial; interdependência campo-cidade, questão agrária e desenvolvimento sustentável; cultura e identidade; organização política, movimentos sociais e cidadania.

Assim, problematizou-se nas práticas como essas dimensões são trabalhadas pelos professores, estudantes e coletivo escolar. Que elementos tem potencializado a formação humana, tendo como centralidade a realidade em que a escola está inserida e o contexto social da agricultura camponesa no Brasil e no Paraná.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA

Em relação ao PPP foi formado primeiramente com toda a formação da equipe escolar e comunidade e assim dado as conquistas e mudanças anual o diretor e a pedagoga juntos atualizam ano a ano e disponibilizam aos professores em uma pasta compartilhada para que os professores possam acompanhar e lendo sempre que quiserem.

Desta forma é importante destacar aqui aspectos importantes para a Educação do Campo, descrevo aqui cada um dos projetos executados no colégio e importância de cada uma delas executadas além do PPP.

Analisando o PPP (2022) do Colégio Estadual do Campo de Paz, este destaca a importância das parcerias e mobilizações da comunidade. Neste sentido, o documento aponta a importância da APMF no diálogo com a comunidade e na definição do planejamento e das práticas a serem desenvolvidas pelo coletivo escolar.

Os membros da APMF de acordo com o PPP (2022) são eleitos e compõe uma pessoa jurídica de direito privado, sendo, “um órgão de representação de Pais, Mestres e Funcionários do estabelecimento de ensino. Não tendo caráter político-partidário, religioso, racial, fins lucrativos; dessa maneira seus dirigentes e conselheiros não são remunerados” PPP (2022, p.30). Seus membros são escolhidos pela comunidade através de votação, o diretor convida aqueles que gostariam de se candidatar e assim são formadas as chapas, é feita uma votação.

Os membros têm como principal objetivo discutir, no seu âmbito de ação, sobre ações de assistência ao educando, de aprimoramento do ensino e integração família – escola – comunidade, enviando sugestões, em consonância com a proposta pedagógica para apreciação do Conselho Escolar e equipe - pedagógica - administrativa bem como participar das decisões

e Discutir, no seu âmbito de ação, sobre ações de assistência ao educando, de aprimoramento do ensino e integração família – escola – comunidade, enviando sugestões, em consonância com a proposta pedagógica para apreciação do Conselho Escolar e equipe - pedagógica - administrativa.

O PPP (2022) explicita ainda a luta de cada sujeito ao longo da história da escola na busca de melhorias. Destaca-se desde os documentos escolares a tentativa estabelecer vínculos com os princípios da Educação do Campo, considerando assim, a identidade dos estudantes na definição de práticas pedagógicas, considerando ainda que a maior parte do público atendido são filhos de pequenos agricultores.

Neste sentido, conforme PPP (2022) o Colégio Estadual do Campo de Paz tem diversos programas sociais e culturais, e a direção atual busca executar projetos, que despertem interesse por questões importantes sobre a escola e seu cotidiano e também temas conflituosos sobre a atualidade, valores e convivência. É notável como os estudantes gostam de participar. Esses projetos geralmente são todos organizados com todas as turmas da escola no saguão, os estudantes participam na organização, como ouvintes e uma maneira que me chamou bastante atenção é a presença da música na escola, todos os projetos têm apresentação de música onde os alunos cantam e tocam instrumentos junto com os professores em outros envolvidos no evento.

Dentre as atividades regulares ofertadas nas quintas-feiras depois da aula o diretor ministra aula gratuitamente²⁵ de música e instrumentos como violão, para quem tem interesse no projeto chamado de música e arte. Estes estudantes são sempre convidados para animar eventos da escola, creche que funcionam no mesmo espaço como também em eventos da comunidade.

No entanto, a prática desenvolve amor e interesse nessa escola, a partir delas é visível a expressão positiva pela escola, durante as entrevista e em observação é notável a diferença na educação pela escola a partir do uso das práticas pedagógicas, o gosto por estudar aquilo que é de seu conhecimento, uma práxis que além de despertar o interesse faz com que se estude de uma maneira fixa, que ao lembrar do conteúdo fica na memória a forma como aprendeu a partir de sua cultura e permite que possa comparar com outras culturas dentro da sociedade, isso torna os estudantes críticos e reflexivos a ponto de contribuir para a comunidade escolar e local, a fim de a partir de quebrar o preconceito que existe quando se fala de educação do campo.

²⁵Aulas gratuitas de música e canto, onde o professor e diretor Cristiano Macedo Sottomaior, ministra as quinta-feira no término da aula, ele que possui formação na área realiza voluntariamente para o incentivo à cultura dos alunos que tenham interesse em participar. Estes sempre que possível realizam apresentações em eventos da comunidade e ao entorno.

Essas práticas mostram que a educação do campo apresenta uma característica diferenciada, sobretudo com a inserção da cultura como dimensão formativa, na perspectiva em formar estudantes com uma visão crítica e reflexiva, onde se é possível pensar em possibilidades de melhoria do seu entorno, como também formas de pensar luta pelo que é de direito. Neste sentido, no decorrer da pesquisa foi possível identificar diversas práticas presentes na escola que buscam essa aproximação com os princípios e matrizes das construídas na Educação do Campo e que são descritas e analisadas na sequência deste texto.

3.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO DE PAZ

Na pesquisa levantou-se uma série de práticas realizadas na escola, a fim de estabelecer uma conexão entre os princípios e as matrizes pedagógicas da Educação do Campo e o cotidiano escolar.

O texto é precedido de uma imagem, com elementos de descrição e análises, foram levantadas, parcerias com a saúde onde estiveram presentes enfermeiros e agentes da dengue da unidade básica de saúde presente na comunidade da Paz, parceria também os professores da Universidade Federal da Fronteira Sul, onde os mesmos passaram a ministrar palestras com diversos temas e que principalmente enaltece a educação do campo, considerando o âmbito local que a universidade se encontra, atividades com professores de outras escolas que vem a partir do coletivo realizar o preparo de leituras e apresentações juntamente com os professores do colégio da paz, demonstrando a importância de se planejar enquanto coletivo e na socialização de ideias de diferentes áreas de conhecimento como é possível notar nas imagens e descrições explícitas abaixo.

Na imagem é possível observar a palestra realizada no dia 8 de março de 2019, com a professora Maria Eloá da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), ela foi convidada para ministrar uma palestra no dia internacional da mulher, onde trouxe elementos da história da luta das mulheres por reconhecimento e respeito.

Imagem 10: Parceria com a UFFS.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, 2019

Além de trazer um pouco de conhecimento sobre a data, a professora Eloá discutiu e informou sobre a importância da Educação do Campo, também incentivou a reafirmar suas identidades, a lutar por direito a Educação de Qualidade não só na UFFS como também em quais outras instituições de ensino.

A parceria com a UFFS foi organizada pela comunidade escolar a fim de inserir os estudantes no debate a partir do contexto da formação universitária, com a presença de docentes e projetos que as integram numa pauta social ampla como a luta das mulheres.

A parceria também demonstra o compromisso da universidade com as escolas da Educação Básica, neste caso há formandos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo e também professores já formados e que foram educandos do Colégio Estadual do Campo de Paz. Esse processo de integração é fundamental para ampliar a consciência e articular formações a fim do coletivo ser mais assertivo na educação dos sujeitos atendidos pela escola.

Outra parceria realizada é com a secretaria de saúde do município de Candói, na imagem abaixo é possível observar o agente de saúde ministrando palestra aos estudantes com informações de prevenção de doenças como também as práticas de mudanças de corpo, cuidados de higiene, controle de vacinas, para que assim esses possam levar os dados para casa e conversar com os pais sobre atenção e o cuidado à saúde.

Outra prática realizada no dia da mulher é o passeio pela comunidade com o objetivo de chamar atenção dos trabalhadores e do comércio do local, onde a mobilização dos alunos denúncia também o abuso e a violência contra a mulher, neste sentido os estudantes distribuíram cartazes e falaram um pouco do que aprenderam sobre os direitos da mulher para a comunidade local.

Imagem 11: O dia da Mulher.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).

Ao fazer o ato no dia da mulher a escola possibilita aos estudantes que quebrem os paradigmas em relação a imagem da mulher, e também mostra a importância da luta das mulheres, por reconhecimento, mas também é um espaço importante para lembrar as conquistas delas ao longo da história.

Ao trabalhar esse tema em uma escola que atende a população do campo seria importante organizar nas comunidades em torno uma palestra, uma fala de mulheres ativas na sociedade para despertar o entendimento das ações realizadas por mulheres importantes na história, incentivar atitudes de respeito às mulheres, conscientizar como também conscientizar a igualdade de gênero e ao direito e respeito às mulheres.

Imagem 12. Palestras da Saúde.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).

O diálogo com os profissionais de saúde na escola, permite que os estudantes possam esclarecer suas dúvidas em questões de mudanças em seu corpo considerando sua entrada a fase da adolescência, como também junto aos profissionais conheçam as assistências disponíveis no município, podem levar as informações para casa como também trazer de casa dúvidas em questões de saúde.

Essa prática evidencia a importância da escola do campo na vida da comunidade e das famílias camponesas ao abordar a saúde na escola é fundamental para melhorar a qualidade de vida dos alunos e da comunidade em geral e conscientizar sobre a necessidade de uma vida saudável.

Outra prática realizada pela escola é o passeio ciclístico, que ocorreu no final do ano escolar. Ele foi realizado em parceria com a secretaria de vigilância sanitária. Os estudantes recebem primeiramente a orientação dos agentes sanitários sobre os cuidados contra o mosquito, em seguida saem em um passeio ciclístico pela comunidade, com alertas de cuidados necessários para combate.

Imagem 13. Passeio ciclístico contra o *Aedes Aegypti*.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).

Os estudantes caminham pela comunidade em torno do colégio, levando seu aprendizado da escola para prática comunitária, com o objetivo dialogar com os moradores e com as comunidades vizinhas. Os estudantes percorreram as estradas de bicicleta com o acompanhamento dos professores alertando a comunidade aos cuidados para evitar o mosquito da dengue. Assim, a escola acabou fazendo um importante contato com as comunidades e também incentivando à prática de esportes, por trilhas e caminhos da natureza nem sempre conhecidos pelos estudantes.

Outra temática importante trabalhada nas práticas escolares são o combate ao preconceito, a discriminação, dentre outros. Na imagem abaixo pode-se observar uma palestra sobre o bullying, realizada pela equipe pedagógica no dia 07 de abril de 2019, dia nacional de Combate ao Bullying e à violência na escola, onde participaram todos os estudantes e funcionários, professores e membros da comunidade escolar, pois entende-se que é necessário ensinar-lós a conviver uns com os outros em união e amizade.

Imagem 14. Combate ao Bullying.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).

O projeto Combate ao Bullying, trata de um momento de reflexão sobre as práticas do bullying, neste sentido trazer este tema à escola reflete a tentativa de interromper e inibir esses comportamentos na escola e assim, gerar uma conscientização dos estudantes e da comunidade.

Essas atividades permitem que os estudantes possam criar um hábito de diálogo no dia a dia da escola, com o apoio da equipe pedagógica possa buscar formas de identificar esse fenômeno na escola e assim abrir espaços para o combate e busca de assistência e esclarecimento das causas e consequências desse tipo de comportamento.

Outro aspecto de destaque nesta prática é ao diálogo que os estudantes podem desenvolver em casa, na sua comunidade, assim permitindo a se criar consciência ampla e respeito mútuo com as pessoas, rompendo formas de preconceitos cristalizados entre os povos do campo e da cidade.

Trabalhar com as formas de preconceitos nas escolas e comunidades camponesas significa olhar para as formas de discriminação que historicamente esses povos sofrem, tais como a figura do Jeca Tatu e outras consolidadas no imaginário popular. Desconstruir essas formas implica em discutir o modo de vida desses sujeitos e as políticas públicas destinadas a esses territórios.

Como tratamos nesse texto o colégio estadual do Campo da Paz atende a comunidade quilombolas, sendo localizados na comunidade da Paz, Saleiro e Despraiado.

Neste sentido, a prática de trabalhar a consciência negra na escola, envolve discutir a natureza dessas comunidades e as relações com os demais agricultores da região.

Na imagem 16, é possível analisar trabalhos desenvolvidos na escola em momento específico para discutir e aprofundar elementos da consciência negra em nível amplo, incluindo o debate nacional sobre a dimensão da cultura, das tradições e também dos preconceitos vividos. O trabalho é desenvolvido com todos os estudantes da escola.

Imagem 15: Consciência Negra.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).

O dia da consciência negra é um evento marcante para lembrar a importância de conscientização sobre a influência dos povos africanos na constituição do Brasil, do reconhecimento do valor, da cultura e da luta de pessoas pretas que não se calaram e levantaram a cabeça contra o racismo.

Esta prática visa incentivar os descendentes que frequentam a escola, e que são de origem quilombola, a reconhecer sua importância na cultura brasileira e resgatar a história de suas famílias, e da luta pela terra e pelo território em suas comunidades e no país.

Eventos como esse proporcionam a troca de conhecimentos, de experiências, seja de vida cultural, como socioeconômica, como o uso da terra, plantio, a conservação das sementes, temas caros à vida camponesa e quilombolas do entorno da escola. Outra tentativa realizada é recuperar a história de vida dos quilombolas e a sua inserção no território e com as comunidades do entorno.

A educação do campo tem como premissa a matriz da história e da luta, nesse sentido ao trabalhar a consciência negra, ressalta-se

A importância em serem formados, os quilombos não significavam apenas um lugar para refúgio de escravos fugidos e sim uma sociedade livre, formada por homens e mulheres que se recusavam viver sob o regime de escravidão e desenvolviam ações de rebeldia e de luta contra esse sistema. Diante disso, possuem uma rica e diversificada quantidade de aspectos culturais, religiosos, étnicos a serem estudados, para que a cultura negra não fique estagnada ou perdida nas poucas páginas dos livros didáticos ou que se resume ao “Dia da Consciência Negra” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 27).

Neste sentido trabalhar a consciência negra é romper com uma visão preconceituosa e por vezes romantizada criada no país, ir as comunidades negras tem sido uma rica experiência nesse sentido. Uma outra prática desenvolvida que comunga com o dia da Consciência Negra é o projeto conhecendo os remanescentes quilombolas da região da Paz e Candói, essas visitas às Comunidades quilombolas fizeram parte de um projeto escolar e gravação de um documentário, realizado pelo Colégio Estadual do Campo da Paz, intitulado “Remanescentes Quilombolas de Candói: Contando História, Relembrando as Memórias”.

De acordo com Barbosa, “O reconhecimento da comunidade, como Remanescente Quilombola, ocorreu em 04 de março de 2004 pela Fundação Cultural Palmares (BARBOSA, 2023, p.62) A CRQ²⁶ não tem demarcação territorial, e sim uma demarcação é social, pois são famílias que se identificam como quilombolas, contudo, ela pertence ao território demarcado como comunidade rural do Despraiado, essa é demarcada pela Prefeitura de Candói.

O município de Candói os públicos quilombolas estão nas comunidades de Despraiado, Vila São Tomé, comunidade de cavernoso, onde também se localiza assentados da reforma agrária. Vale ressaltar que o município de Candói possui 6 assentamentos de acordo com dados do Incra em contratos de concessão de uso (CCU), sendo: Assentamento União São Pedro, Assentamento Matas do Cavernoso, Assentamento 8 de outubro, Assentamento Ilha do Cavernoso, Assentamento Santa Clara e Assentamento São João Batista.

²⁶Comunidades Remanescentes Quilombolas-CRQ: grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (MATTOS, 2006, p. 106).

Imagem 16: Projeto remanescentes quilombolas.²⁷



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).

O projeto Remanescentes Quilombolas²⁸ é um projeto criado pela professora Monica Matos Barbosa²⁹ com os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. Os estudantes fazem visitas às famílias quilombolas na comunidade do Despraiado, que fica no entorno do colégio. Essa prática visa enriquecer o conteúdo escolar e o diálogo escola e comunidade, trazendo sobretudo a dimensão da cultura e das tradições desses povos para o cotidiano escolar, considerando sobretudo o grande número de estudantes dessa comunidade na escola.

Essa prática tem possibilitado a inserção da cultura quilombola dentro da escola, os estudantes passam a conhecer a cultura e forma de organização, conhecem a história e os desafios dos moradores da comunidade. De acordo com Barbosa (2023), os quilombolas da comunidade Despraiado são na sua grande maioria negros ex-escravizados “oriundos de outras regiões brasileiras, imigrantes europeus que vieram para o Brasil trabalhar nas lavouras de café, portugueses colonizadores e 54 imigrantes de outros lugares do mundo que, por alguma razão, desembarcaram em terras brasileiras” (NETTO, 2005, p.178).

No dia da visita os descendentes quilombolas, moradores da comunidade são participativos contando suas histórias, as memórias, contribuindo assim com uma educação

²⁷Projeto remanescentes quilombolas. O projeto se desenvolveu em resposta à Semana Cultural realizada na escola, com diversos temas. Um deles foi o ensino da Cultura Afro-Brasileira em cumprimento da lei nº 10.639/03, que prevê o ensino obrigatório da História e Cultura Afro-Brasileira.

²⁸O projeto foi descrito pela professora Monica Matos Barbosa em sua dissertação do mestrado e está disponível in:
<http://tede.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/jspui/2049/2/Disserta%20a7%20a3o%20-%20M%20b4nica%20Matos%20Barbosa.pdf>

²⁹Professora Monica Matos Barbosa Mestre em Educação pelo PPGE - UNICENTRO (2023). Especialista em Perspectivas Decoloniais e Educação pela UNICENTRO. Especialista em Educação do Campo e em Educação Especial com ênfase na Deficiência Intelectual. Possui graduação em Ciências Sociais - Faculdades Guarapuava (2015). Atualmente é professora - Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia.

participativa e que debate os desafios das comunidades, respeitando a dinâmica e os princípios da Educação do Campo, que tem por foco a relação escola comunidade.

Ainda em 2018, tive o primeiro contato com os moradores da CRQ do Despraiado, em específico, com Maria Aparecida Batista. Na oportunidade, um dos meus alunos e morador da CRQ do Despraiado, Euler Cabral, conduziu a entrevista. Na Figura 8 está da esquerda para a direita: Euler Cabral aluno do CECF, Maria Aparecida Batista e Mônica Matos Barbosa[...]Essas visitas às Comunidades quilombolas fizeram parte de um projeto escolar e gravação de um documentário, realizado pelo Colégio Estadual do Campo da Paz, intitulado “Remanescentes Quilombolas de Candói: Contando História, Relembrando as Memórias”. As entrevistas possibilitaram estreitar os laços com os moradores, especialmente com as mulheres. (BARBOSA, 2023, p.61)

Portanto, o Projeto Remanescentes Quilombolas, pode ser uma forma de cativar a prática de campo e o convívio com outras culturas que compõe o entorno da escola considerando a história do município de Candói, enquanto espaço e território indígena e quilombola. Neste sentido outra prática de saída de campo para conhecer as comunidades do entorno e de povos que o compõem é muito importante e significativo na vida e na aprendizagem dos estudantes.

Uma das comunidades visitadas é a Terra Indígena de Mangueirinha, que fica à 48 km , está é a segunda maior terra indígena paranaense.

A imagem registrou a visita na Terra indígena de Mangueirinha, na aldeia Passo Liso e na Escola Estadual Indígena Jykre Tãg EIEF que ocorreu no dia 19 de abril de 2019 com a finalidade de conhecer a comunidade indígena sua cultura e modo de vida social, considerando que neste dia era comemorativo relativo ao dia do reconhecimento dos povos originários, neste dia a comunidade indígena se organiza com festa, de acordo com as crenças e os costumes de sua cultura.

A visita da escola à aldeia indígena busca estabelecer um diálogo entre as diferentes culturas, procurando perceber o modo de vida, tem por dimensões a economia, sócio-cultural, com a perspectiva de respeitar os povos originários bem como conhecer o modo de organização dentro da comunidade, a identidade, os saberes e as tradições desses povos.

Imagem 17: Conhecendo a Comunidade Indígena.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019)

Outra dimensão importante presente nesta prática, para além do diálogo com a cultura dos povos indígenas, é a visita ao território a fim de conhecer a mata, a preservação ambiental, sobretudo da araucária, árvore bastante presente nesta terra. Neste sentido, é realizado todo um estudo sobre o espaço, da conservação da floresta, da flora e fauna, no território.

A visita é realizada a partir da troca de conhecimentos entre as diferentes culturas dos povos que vivem da terra, sejam agricultores, quilombolas e indígenas. Isso tem possibilitado também socializar as culturas entre os sujeitos da comunidade indígena com a comunidade não indígena, com objetivos de reafirmar as diferentes identidades dos povos que vivem da terra e conhecer e respeitar as diversidades entre eles.

Em se tratando da dimensão cultural, outra prática presente e desenvolvida na escola é a Festa Junina. Ela ocorre tradicionalmente entre os meses de junho a agosto, com apresentação de danças e músicas tradicionais e também a degustação de comidas típicas da época e da cultura camponesa, como o consumo do pinhão, da pipoca, canjica e outros derivados do milho e do amendoim.

Na imagem é possível observar a dança da quadrilha, uma dança que relata a dimensão dos bailes na comunidade e dos desafios da vida na roça.

Imagem 18: Festa Junina.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019)

A festa junina possibilita a integração entre os estudantes e a comunidade, essa festividade é um potencial enorme para desenvolver e reafirmar a integração escola e comunidade e também resgatar a motivação da celebração da cultura camponesa, superando visões do campo como lugar de atraso e do Jeca Tatu.

A organização da festa geralmente envolve toda a APMF e outros membros da comunidade, pais e estudantes. Nesse processo, cada detalhe é pensado a partir de elementos da história da vida do campo, buscando superar visões estereotipadas do campo.

O tema da festa junina é um tema polêmico na maioria das escolas da educação básica, pois entende-se que a festa junina de início era uma retração de atraso, comparado com o jeca tatu que desmoraliza as famílias camponesas ou sujeitos do campo, desta forma nos dias atuais fortalecer a cultura dos sujeitos do campo como forma de reconhecimento e com intuito da quebra desse preconceito que se diz atrasado.

Interessa a uma escola e as comunidade do campo que a festa junina seja um espaço de resgate da vida no campo, desta forma além da questão socioeconômica é importante resgatar a história e luta da comunidade, da escola, das formas de plantio e colheita, do resgate das memórias, dos causos e dos saberes dos antigos sobre a vida e o modo de viver desses povos.

Abrir espaços para a comunidade nesse e em outros momentos da vida escolar, precisa estar associada à realidade da comunidade, precisa interessar e ser desejado com a comunidade, por isso as formas de diálogos são importantes, a fim de superar as distorções entre as intenções da escola e da comunidade, isso presume a organização e planejamento coletivo, princípio caro para Educação do Campo.

A escola ainda apresenta em suas práticas outros elementos do trabalho com a dimensão cultural, como a promoção de concursos, festivais e aulas de canto e instrumentos musicais.

Na imagem é possível acompanhar a premiação do concurso de poesia realizado na escola. Este é organizado pelas professoras de literatura para incentivar os estudantes a leitura e composições de poesias, as produções são apresentadas aos colegas das outras turmas e as melhores são premiadas.

Imagem 19: Concurso de poesia.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).

Essa prática visa o resgate da cultura e também incentiva a criatividade e a participação dos estudantes, tornando eles atuantes, não apenas em espaços de lazer, mas também na sociedade.

A participação é um princípio fundante da Educação do Campo e a escola pode desempenhar um importante papel no processo de autonomia do sujeito, preparando-os para se posicionar diante dos desafios da vida e assumir posições de comando nos espaços sociais em que ocupam.

A literatura tem um papel determinante na formação do sujeito e as ações desenvolvidas pela escola buscam incentivar os estudantes a conhecer as produções clássicas, mas também produzir a partir de suas vivências, de seus locais e dos saberes de sua comunidade.

O café literário promovido na escola, pelas professoras de literatura é mais uma ação que resgata e incentiva os estudantes a desenvolver o hábito da leitura e da interação através da prática em contar histórias. Nas imagens é possível alguns momentos do café promovido na escola pelas professoras e estudantes.

Imagem 20: Café literário.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019)



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019)

A partir desta iniciativa a escola tem desenvolvido e incentivado a leitura e também a escrita. São explorados e incentivados a leitura de textos, poesias de pessoas da comunidade. A escrita é uma dimensão importante na formação humana, muitas vezes negadas aos povos do campo, assim como a cultura por muitas vezes subjugadas e vistas como de segunda categoria, assim a escola precisa ajudar a entender os fatores construídos na sociedade e que influencia na visão de mundo e na construção do imaginário do campesinato.

Portanto é importante que os estudantes camponeses leiam e escrevam sobre suas lutas, seu cotidiano, mas também sobre os conteúdos clássicos, sobre a visão construída sobre os sujeitos e o modelo de campo na sociedade em que vivem. Escrevendo e lendo aquilo que conhecem, ou que estão vivenciando, podem construir argumentos, comparar, criar um diálogo crítico a partir de vivências concretas e socializar isso coletivamente é fundamental para criação de sujeitos conscientes e participativos.

O evento sempre acaba com uma confraternização e conversa entre as turmas, a ideia do café é uma possibilidade de ampliar a participação para toda a comunidade, como forma de conhecer as produções locais e incentivar a leitura para além da escola.

Outra prática que a escola realiza é o concurso para a eleição do garoto e garota colegial. Os critérios acordados envolvem a participação de todas as turmas são escolhidos pelos jurados, beleza e simpatia desta forma na imagem é possível observar o momento de premiação realizado em dezembro de 2019 onde foram eleitas três garotas do ensino médio e três garotos do ensino médio também três integrantes meninas considerados brotinhos do ensino fundamental e três meninos da mesma modalidade.

Imagem 21: Garota e garoto colegial.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019)

O concurso é mais um momento de interação entre escola e família. Durante a realização desta prática ocorre também a noite cultural, onde é apresentada pelo grupo gaúcho Jeito Garoto, que é composta por membros da comunidade, ex -estudantes da escola da Paz, que hoje animam bailes e eventos da comunidade, também como observa se na imagem aconteceu a premiação dos estudantes do concurso.

Dentre as práticas que prevê a participação dos estudantes levantou-se ainda outras ações e atividades que envolvem a participação direta dos estudantes como a feira cultural, fomentada na coletividade das turmas para que estas possam apresentar o resultado dos trabalhos desenvolvidos nas aulas.

A imagem apresenta o trabalho desenvolvido pelas turmas do 6º ano na disciplina de história com o professor Ronaldo Gomides e a professora Leonara Furquim de Mattos que em suas aulas enaltecem a história dos negros oriundos escravizados e que abrem espaços para histórias de descendentes quilombolas para contar um pouco da história de sua família, este é um ato de reconhecimento e respeito aos povos que foram escravizados.

Imagem 22: Feira Cultural.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019)

A feira cultural é pensada como um espaço um momento de livre expressão didático-pedagógica e bastante importante no meio escolar, para mostrar as habilidades e a identidade dos estudantes. São incentivados a produção de desenhos, artesanatos, músicas, danças, poesias ou até mesmo culinária e tradição local.

É um momento único onde a comunidade é chamada para participar e trazer suas produções para exposição e assim estabelecer um laço entre escola e os moradores.

Outra feira que ocorre e é incentivada na escola é a de quimiofísicando, onde é incentivado aos estudantes do Ensino Médio a demonstrar suas criações. O projeto é interdisciplinar, criado pelas professoras das disciplinas de biologia, química e física, com o objetivo de socializar as ideias e construir trabalhos relacionados às três disciplinas e uma forma de socializar as atividades com a comunidade.

Na imagem é possível observar as experiências apresentadas pelos alunos do ensino médio os quais realizaram socialização em estudos com alunos do Colégio Estadual do Campo da Cachoeira da comunidade vizinha representada no mapa da página 34.

Imagem 23: Feira Químiofisicando.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019)

A feira tem sido um importante espaço para o trabalho coletivo, ao organizar a feira interdisciplinar os professores têm exercitado a atuação conjunta na escola. Os estudantes se juntam para criar experimentos, criar grupos de estudos, e assim abrem espaços para mostrar as ideias coletivas a fim de despertar a participação dos estudantes como protagonistas das ações.

A prática tem demonstrado um maior interesse dos estudantes pelos conteúdos escolares e pelo trabalho em grupo, onde estes discutam e dialogam sobre diversos conhecimentos das disciplinas, com uma chamativa de grandes possibilidades de trocas entre os colegas, onde eles debatem ideias, aprendem a escutar e respeitar uns aos outros, abrindo espaço para interação e experimentos inovadores.

Outra prática desenvolvida e incentivada na escola são as oficinas, são ofertadas oficinas de música como já destacamos nesse texto. O diretor Cristiano tem sido um grande entusiasta dessa prática e busca incentivar os estudantes a praticar e desenvolver as habilidades artísticas.

A imagem é um registro de uma das aulas de violão e canto, as aulas ocorrem na escola, às quinta-feira e são ministradas pelo diretor.

Figura 24: Projeto de música



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019)

As aulas de instrumentos e música tem por objetivo de expandir as práticas culturais e desenvolver essas habilidades nos estudantes que tenham interesse. Esse projeto é uma possibilidade para juntar cantores e talentos da comunidade para uma formação comunitária, escrever músicas de acordo com as histórias de vida e da comunidade, de luta, da cultura, valorizando os talentos que existem no entorno.

Além das aulas propriamente ditas de composição e instrumentos, são analisados os conteúdos das produções, as letras das músicas, sobretudo a influência do agronegócio na cultura camponesa, com o chamado “agronejo”, entre muitos outros assuntos que podem ser discutidos de uma forma diversa a partir dessa temática.

Cabe destacar que em se tratando da dimensão cultural, e sendo a cultura uma das matrizes pedagógicas da Educação do Campo, essa é uma questão central em se tratando do avanço do agronegócio sob a população camponesa, seja por meio da mídia ou na própria da ação local, a música tem sido a forma mais eficiente de discernir um estilo para a vida no campo, mas não é a única, vemos essas influências nas roupas e nos acessórios de consumo pessoal e familiar, também nos equipamentos de produção e veículos. A escola do campo precisa estar atenta a esses modismos e debater eles e suas reais intenções no cotidiano escolar.

Além das atividades no âmbito cultural e do trabalho com os valores sociais e morais, as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola têm buscado dialogar com o cuidado e a preservação ambiental. Cuidar do meio ambiente e da terra é cuidar da própria vida, o povo que vive da terra, das águas e da floresta, aprendeu com seus ancestrais a cuidar da natureza, pois sabe que ele é a própria natureza e não existe vida sem ela.

Na pesquisa levantou-se uma série de práticas realizadas na escola que visa esse cuidado, seja com o rio, com a floresta, mas também com a alimentação saudável, a jardinagem e outras formas de cultivar hábitos integrados com a natureza, sem a necessidade de devasta-la.

As três práticas descritas na sequência são tentativas de incidir sobre questões pontuais no âmbito da conversação e preservação do meio ambiente, destacamos que embora de forma pontual a partir delas a escola busca conscientizar também a comunidade, mesmo entendendo que para que seja alterado o padrão de consumo dos recursos naturais pelo agronegócio é importante outras ações que possam garantir práticas produtivas sustentáveis e viáveis aos agricultores.

No dia da árvore retratado na imagem, os estudantes são incentivados a plantarem árvores e a cuidarem das florestas, sobretudo das plantas nativas.

Figura 25: O Dia da Árvore.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).

Neste dia são realizados debates sobre a importância da preservação das árvores, o papel fundamental que ela cumpre na vida no planeta. Os estudantes são incentivados a fazerem diálogos com a comunidade e com seus familiares. Os pais são chamados a comparecer na escola para troca de experiência do cultivo, do resgate das sementes e das tradições de cultivo.

A troca de conhecimento e de sementes é uma prática que busca resgatar esses valores comunitários por vezes esquecido no atual modelo societário, assim as famílias são incentivadas a cuidar das matas ciliares, das florestas, a plantar alimentos sem agrotóxicos, os riscos das contaminações e das doenças decorrentes da destruição do meio ambiente.

Nesta mesma linha está inserida a prática chamada dia do rio, onde os estudantes realizam uma caminhada pela mata entre as comunidades do entorno do colégio. Essa sai da escola até a travessia do rio Cachoeira percorrido pela trilha aproximadamente 10 km

percorridos a pé até a chegada da comunidade da Cachoeira e então a escola desta comunidade, todo este percurso pode ser observado no mapa da página 34.

No caminho ainda é possível visualizar a cachoeira, que dá nome à comunidade vizinha ao colégio. Na imagem é possível observar o registro dessa caminhada.

Imagem 26: O Dia do Rio.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).

Nesta caminhada além da exploração da vegetação nas trilhas por entre a natureza, são realizadas trocas e socialização entre os estudantes do Colégio Estadual do Campo de Paz e os do Colégio Estadual do Campo da Cachoeira. Essa é uma experiência muito significativa para os estudantes e professores que participam, pois possibilita o convívio entre as escolas e os estudantes, entendendo os desafios e as possibilidades de cada espaço.

O colégio estadual do Campo da Paz possui uma horta, onde incentiva o trabalho de plantio e colheita feito pelos estudantes.

Na imagem observamos a turma envolvida no processo de preparação da terra e o plantio de flores e ervas medicinais, para que possam utilizar sempre que necessário e que possam aprender através desta prática o uso e plantio de hortaliças e jardinagem.

O projeto horta foi criado, juntamente com o de jardinagem, para exercitar experiências de embelezamento, de cultivo, comparação sobre os ciclos das plantas, processos de germinação, maturação, cuidado do solo e alimentação. Os professores são incentivados a levarem os estudantes nesses espaços, como laboratório vivo para além do laboratório e feiras de ciências, química e física.

Imagem 27: Manutenção da Horta e Jardim.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019)

No espaço da horta e jardinagem os professores buscam resgatar os conhecimentos das famílias, passados de geração para geração, tais como o uso e o cultivo de ervas medicinais, chás, as plantas domésticas e outras que são próprias do local.

Uma possibilidade discutida a partir da horta escolar tem sido a criação de uma horta comunitária com o cultivo de mudas e sementes para serem distribuídas às famílias da comunidade.

E por fim duas outras práticas são a realização dos jogos escolares e a formação continuada de professores.

Na imagem abaixo representa a primeira fase dos jogos escolares, são organizados times de várias modalidades os quais competem com as escolas das comunidades vizinhas, cada fase do jogo é organizado em revezamento o de escolas comunidade vizinhas e as fases finais são finalizadas e competidas por representantes municipais, esses jogos acontecem no final do último trimestre de cada ano onde disputam a final no início de dezembro no município que se classificar, destes se destacam os municípios: Candói, reserva do Iguaçu, foz do Jordão, Copel, Pinhão.

Imagem 28: Jogos Escolares.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019).

As atividades esportivas têm promovido a socialização entre os estudantes de diferentes escolas, e também a troca de conhecimento, o exercício da disciplina, os jogos são divididos entre as escolas por fase, assim possibilita que os estudantes possam conhecer outras escolas, outros espaços e lugares.

Em relação a formação de professores acontece todos os inícios do ano letivo, com estudos pedagógicos e práticas pedagógicas para dar início ao novo ano letivo, como também relações de socialização de planos aulas.

Imagem 29: Formação de Professores.



Fonte: Acervo Pessoal, Macedo, (2019)

A formação continuada dos professores é uma prática importante na escola, ela precisa atender o anseio do conjunto dos professores, mas sobretudo dialogar sobre formas de atender as demandas da escola do campo. Neste sentido há uma clara necessidade de aprofundar e debater questões relacionadas à Educação do Campo. Assim, o planejamento coletivo das práticas formativas assume uma característica importante para que todos os envolvidos possam se sentir sujeitos das ações.

Os momentos de formação são também espaços para discutir melhorias na atuação na escola. Como também pensar em grupos de atividades, grupos de estudos, dialogar sobre a inserção da participação da comunidade no cotidiano escolar, uma vez que a participação é fundamental para construção de uma escola conectada com as demandas do seu entorno. As práticas levantadas e descritas durante a pesquisa são tentativas de aproximar o trabalho pedagógico com os princípios e matrizes da Educação do Campo. Nesta perspectiva foi possível perceber o esforço do coletivo escolar, em tornar a **ESCOLA** viva, onde os estudantes se identificam, que tenham como pressuposto os desafios cotidianos e os preparem para viver em suas comunidades e para além delas.

Outro destaque na análise nas práticas foi a atuação em conjunto, o trabalho coletivo entre estudantes, professores e a comunidade do entorno. Esse processo tem garantido que a escola se conecte a questões importantes no trabalho junto à comunidade, sobretudo no resgate da identidade, da memória da escola, espaço ou lugar, da luta para construção da escola ou da comunidade.

Neste sentido, outra matriz presente nas práticas pedagógicas é a matriz da história, existe essa preocupação em resgatar a forma de organização e formação da escola e da comunidade, sua conexão com a Educação do Campo, as dificuldades enfrentadas pela negação dos direitos e falta de política pública para o povo do campo.

No caso do Colégio Estadual do Campo da Paz a pesquisa demonstrou o esforço do da direção escolar, que desde o ano de 2015, busca em conjunto a comunidade escolar consolidar as matrizes e os princípios da Educação do Campo, considerando a cultura das comunidades que atende, o processo histórico da escola e formação da comunidade, resgatando a memória do entorno, a cultura e saberes comunitários.

Durante a pesquisa ficou evidente que para que a escola possa cumprir sua função social junto à comunidade é necessário ir além das proposições oficiais, nesse caso as orientações que vêm prontas e definidas da secretaria de educação, pois estas embora abram possibilidades de diálogos com as questões comunitárias, não contemplam a realidade dos sujeitos da escola.

Neste sentido, as práticas desenvolvidas na escola em parceria com as comunidades têm possibilitado se aproximar do que se espera de uma escola do campo, seja nos dias de campo, no projeto horta, no cultivo de ervas medicinais e outras que instigam os moradores a repassar conhecimentos tradicionais, como as práticas de plantio, melhoria do cultivo e os momentos de trocas, como no caso das mudas e sementes.

Outra matriz pedagógica da Educação do Campo desenvolvida e incentivada nas práticas analisadas é a matriz da Cultura. Foi possível identificar diferentes práticas que envolvem o resgate cultural, seja através da música, dos instrumentos, da prosa e poesia. Nestes momentos percebeu-se o esforço do coletivo escolar para buscar dialogar com artistas da comunidade, bem como incentivar os estudantes a desenvolver essas habilidades. Além da música, poesia, danças, o artesanato quilombola, indígena e das mulheres camponesas está presente no resgate da cultura dos povos da terra, das águas e da floresta.

A troca de saberes, a produção do conhecimento, a valorização da história do município de Candói, das comunidades do entorno, é situar os sujeitos em sua realidade e a partir disso fornecer conteúdos para que possam se desenvolver como membros de uma sociedade que é local, mas global. A história da região é a história do povo camponês e a escola precisa se conectar com essa história para que fato seja significativa na vida dos sujeitos e possa ajudá-lo a compreender as transformações atuais, a partir do movimento do modo de produção da vida na sociedade capitalista, sem perder de vista as resistências, a diversidade e o direito dos povos.

3.3 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O VÍNCULO COM A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Como vimos, o Colégio Estadual do Campo de Paz tem ações e práticas que buscam complementar o ensino desenvolvido pelos professores em sala de aula. Uma premissa bastante positiva é que a direção atual é a tentativa de que os estudantes participem de espaços culturais que reflitam sobre valores, participação e como tornar suas ações melhores com os colegas, na escola e na comunidade. Normalmente, esses momentos são organizados nas turmas e apresentados no saguão da escola, são notáveis a alegria e o empenho que os estudantes têm ao participar. Alguns estão ali como ouvintes, outros realizam o trabalho efetivamente. Destaca-se o interesse pela música na escola, todos os projetos ela se faz presente e, é grande a participação de todos, que gostam de cantar e tocar instrumentos, junto com os professores, em todos os eventos.

Ao conceituar a prática pedagógica no contexto da escola do campo Hammel e Gehrke (2018), demarcam os desafios para transformar a forma escolar, e, “envolve trajetórias que vão

desde a formação inicial, articuladas ao exercício da docência e, a vida das comunidades camponesas suas lutas e dos movimentos sociais. Isso tudo, a nosso ver, demarca a atuação do professor e sua formação” (HAMMEL; GEHRKE, 2018, p.08).

Neste sentido, ao considerar as práticas pedagógicas efetivas para escola do campo articuladas ao desafio e a vida da comunidade e dos povos do campo, implica em uma relação muito próxima entre esses setores, essa aproximação precisa revelar o interesse pedagógico pela formação dos estudantes atendidos e o contexto político-social dos sujeitos no processo educativo.

Dentre as atividades programadas na escola e presentes na proposta pedagógica da escola há uma boa intencionalidade dos profissionais que se esforçam na construção de ações que possam formar um sujeito articulado às demandas sociais da comunidade. Os professores e a direção buscam nessas ações que os estudantes superem desafios, reflitam sobre os problemas sociais, desenvolvam as capacidades humanas superiores, se conectem com projetos sociais sustentáveis, debatam o modo de vida e de produção, para que possam tomar decisões seguindo princípio da coletividade e bem comum.

Nas quintas-feiras depois da aula o diretor ministra aula de música e instrumentos para os estudantes que têm interesse em participar do chamado Projeto de Música e Arte. Outros projetos como combate ao bullying, palestra sobre saúde, cultura afro, consciência negra, dia das mulheres, passeio ciclístico e outros de incentivo ao esporte são oportunizados pelo coletivo de profissionais da escola.

Parcerias com as universidades também são buscadas, sejam no âmbito de palestras e de semanas de estudos, mas também em programas institucionais como o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa Residência Pedagógica (PRP). A escola também tem recebido acadêmicos estagiários do Curso de Licenciatura em Educação do Campo que tem contribuído para a formação destes, mas sobretudo para repensar as ações no interior da escola.

Além disso, a presença de estagiários e dos referidos programas em parceria com as universidades, oportuniza uma formação com vista a superar alguns preconceitos criados acerca da Educação do Campo. A presença do ensino superior nas escolas da Educação Básica, nesse caso do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, tem mostrado que a importância dessa aproximação, seja para os acadêmicos, mas também para a escola e a comunidade, pois ao conviver cotidianamente de forma orientada, com os desafios da escola do campo, se inserindo em projetos e práticas pedagógicas, estes são incentivados a criar soluções frente às dificuldades ou potencialidades identificadas. Essas por sua vez nascem do trabalho coletivo e

são avaliadas, que resulta em conhecimento científico. Acredita-se com isso que os futuros profissionais, possam ter maior condições para enfrentar os desafios da educação das futuras gerações, e assim contribuir de forma mais efetiva com a comunidade em que está inserido.

Portanto, a proposta de práxis na Educação do Campo é o que possibilita fazer com que o ensino escolar faça diferença na vida dos estudantes e da comunidade, contribua com a formação dos sujeitos atuantes, capazes de fazer a crítica social e construir possibilidades de mudanças, conectados a dimensões da cultura e da vida no campo, sem negar sua identidade enquanto sujeito e profissional.

Outro ponto forte que destacamos é a busca de uma gestão democrática, com fortalecimento da APMF, a direção tem pautado que a escolha dos membros seja feita pela comunidade, através de votação, tem incentivado esse processo, mesmo na contramão da orientação da secretaria de estado que estabelece que a presidência da APMF seja assumida pela direção, o que se considera um retrocesso quando se pensa nos fundamentos de uma gestão democrática.

A APMF tem papel central na aproximação das demandas entre escola e comunidade, além de garantir, em muitos casos, estrutura mínima para o funcionamento das aulas e do trabalho pedagógico, essa instância tem trazido elementos centrais dos anseios da comunidade.

Percebe-se que a escola tem uma preocupação latente com os sujeitos para além das tradicionais aulas dos professores em sala, porém também se levantou limites na efetivação das práticas, sobretudo pelo seu caráter pontual, fragmentado em relação às necessidades da comunidade e ao próprio conteúdo trabalhados pelos docentes em sala de aula.

Essas questões ficaram mais complicadas nos últimos 5 anos (2018/2019) e sobretudo na pandemia. O estado do Paraná, tem sido um dos pioneiros a implantar um sistema de tecnologia e controle que impede os processos organizativos das escolas e das comunidades. A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e a padronização do currículo tem fomentado o uso de plataformas que dificultam a interação e que colocam o controle do acesso e da aprendizagem em metas externas à escola.

As empresas de tecnologia têm lucrado com a venda de tecnologia e equipamentos de controle, além da falta de formação para os docentes, que recebem aulas e conteúdos prontos sem diálogo com as comunidades e escola, esse processo traz uma visão estereotipada em relação a forma escolar que a Educação do Campo vem construindo desde o início dos anos 2000, sobretudo depois da construção das Diretrizes Por uma Educação do Campo em 2002.

A disseminação da internet rural no período pandêmico, como meio prático de comunicação e estudo para os povos do campo, trouxe uma série de desafios para as famílias e

para as escolas camponesas, ao mesmo tempo que obrigou os professores a encontrarem formas de passar o conteúdo pelos meios digitais, favoreceu o acesso a redes sociais em massa, sem o necessário esclarecimento para o consumo. A propagação de fake news é um dos exemplos desse processo. Vale considerar ainda os problemas ocasionados pela dificuldade de acesso e mesmo das famílias comprarem o equipamento. Outros relatos das famílias e professores revelaram também, a dificuldade de acompanhamento das famílias seja no acesso ao conteúdo consumido pelos estudantes e mesmo na orientação das tarefas escolares, além da falta de lugar adequado para estudo nas casas.

A pesquisa demonstrou que a internet e o uso da tecnologia vêm modificando substancialmente a vida das famílias e as práticas escolares, isso se deve sobretudo ao descompasso criado entre aquilo que deveria ser o objetivo central da formação humana e aquilo que o mercado e os governos a serviço deste tem consolidado nas escolas públicas brasileiras, como o campo não é isolado desse universo, tem sofrido com a histórica precarização e falta de formação e informação adequada. O simples aceite dos novos rumos da educação tem se afastado de práticas que vão ao encontro dos princípios da Educação do Campo.

Em entrevista o diretor da escola, revelou que está sendo questionado pelas práticas pedagógicas utilizadas. Essas manifestações são desde os tutores do Núcleo Regional de Educação (NRE), até os estudantes que alegam que as práticas são atrasadas e fora de seus interesses, o que demonstra como a influência digital vem de encontro a uma cultura de massa, criada fora das comunidades, com um fim específico de criar uma hegemonia do agronegócio nos espaços de vida comunitária camponesa, através da juventude que está nessas escolas.

Na conversa o diretor relatou que diariamente são feitas ações e diálogos sobre os riscos dessa intervenção na autonomia escolar, mas como tem sido difícil o trabalho com os professores e mesmo com os estudantes. Muitos professores estão sobrecarregados com o trabalho demandado pela secretaria de educação e muitos estudantes preferem o que vem pronto do que criar e pensar algo a partir de sua realidade.

Ainda em relação a dimensão/matriz da cultura o diretor manifestou preocupação, pois percebe que pós pandemia, como o acesso indiscriminado ao celular, outras influências vêm marcando o cotidiano dos estudantes, desde a linguagem, o vestuário, mas sobretudo nas músicas que escutam e nas festas que frequentam e promovem.

Diante desses apontamentos e das práticas constituídas na escola, fica o desafio de conciliar o uso das novas tecnologias e as demandas e necessidades das escolas do campo. Neste sentido destacamos a importância da formação continuada e da reflexão conjunta entre professores, equipe diretiva e comunidade. Para tanto, é preciso sobretudo entender e resistir às

imposições e ao dismantelamento que as escolas vêm sofrendo nesses últimos períodos, isso implica em análise coletiva e sobretudo em luta. A comunidade precisa ser chamada a discutir o que tem sido esse processo.

Neste sentido a escola acumulou uma série de experiências advindas das práticas desenvolvidas que podem configurar e consolidar esse enfrentamento, vale lembrar que há uma série de orientações, resoluções e diretrizes que podem ser usadas a favor da autonomia e da consolidação de uma escola do campo, com princípios e matrizes da Educação do Campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo resgatar práticas pedagógicas desenvolvidas no Colégio Estadual do Campo da Paz que o conectam com os princípios e matrizes da Educação do Campo. Na pesquisa, foi possível perceber que a escola busca desenvolver ações que proporcionam aos estudantes e a comunidade escolar o fortalecimento da identidade camponesa, bem como o exercício de conhecer e dialogar com a realidade da comunidade e de seu entorno. Para isso, as práticas pedagógicas buscam aprofundar e debater questões centrais que são desafios para os estudantes, mas também para os moradores. Busca também apreender da cultura, da história e do saber popular formas de conectar as novas gerações às tradições e eventos que são importantes para produção e sistematização do conhecimento científico.

O trabalho demonstrou que os estudantes atendidos são em sua maioria filhos de pequenos agricultores, assalariados agrícolas, quilombolas e ribeirinhos, sendo extremamente relevante que a escola tenha preocupações com os princípios, os valores e a realidade em que vivem esses sujeitos. Por meio da recuperação da história da comunidade foi possível perceber seu vínculo camponês.

Neste sentido demarcou-se pelo menos três pontos fortes trabalhados nas práticas descritas como possibilidade de aproximação com os princípios e as matrizes da Educação do Campo, a gestão democrática, a matriz da história e da cultura e o estudo da realidade.

Em relação a gestão democrática que permeia os capítulos anunciados, percebeu-se que desde o ano de 2015, a atuação da direção e da equipe da escola tem se mostrado atuante e preocupada em deixar a escola viva, no sentido da participação das estudantes e da comunidade nas decisões e na recuperação da identidade enquanto uma escola do campo. Para tanto a relação com a APMF tem sido esse canal direto de diálogo com a comunidade escolar, onde busca-se elementos e práticas de melhoria para a escola e para atender os anseios da comunidade atendida.

A história e a cultura como demonstrado tem balizado as práticas, tanto no que se refere ao resgate dos saberes, como nas atividades culturais desenvolvidas nas comunidades, essas são apresentadas, debatidas e sistematizadas na escola, seja nas feiras, festas e festivais. Seja nas aulas de instrumentos, nas visitas às localidades de origem dos estudantes e no seu entorno. Também as práticas demonstraram a busca por cuidados com o meio ambiente, com a escola e com o cultivo de relações saudáveis entre a natureza e o humano.

Essa aproximação com a comunidade se traduz na aproximação com a realidade vivenciada em cada período, sempre relacionando com os desafios entre o modo de vida camponês e a pressão do agronegócio.

Assim, a práxis tem sido uma um exercício quando definidas as práticas pedagógicas de aproximação dos desafios da escola e da comunidade, isso tem proporcionado o trabalho com os conteúdos escolares, os saberes comunitários e o conhecimento científico a partir da realidade dos sujeitos, e este tem sido o diferencial da escola do campo, a partir dos princípios da Educação do Campo. Esta escola que apoia e acolhe a realidade dos estudantes e das comunidades rurais tem se configurado como um espaço privilegiado para articulação das demandas comunitárias.

Neste contexto a pesquisa demonstrou que as práticas tem sido uma forma de aproximação daquilo que se espera de uma escola do campo, porém com muitos pontos frágeis e que embora a equipe diretiva tenha buscado tornar o processo educativo significativo para a vida em comunidade, as políticas educacionais não têm proporcionado avançar nesta prerrogativa.

Entre as fragilidades destacou-se a falta de formação de professores, para compreensão da realidade, isso implica em abordar elementos da pesquisa, para então definir características e projetos de extensão. Outra questão é o espaço educativo e o trabalho coletivo, que possibilitam articular práticas, organizar projetos em que transformam a escola única a partir desta demanda, pois, entende-se que a Educação do Campo funciona de forma coletiva e aberta dentro de suas diretrizes. O trabalho com as plataformas, o planejamento orientado por registro online individualizados e com objetivos pré-definidas e o controle estabelecido em metas que a escola precisa cumprir, tem afastado o coletivo escolar dos princípios e das matrizes da Educação do Campo.

Neste sentido, o Colégio Estadual do Campo de Paz, apesar do esforço do coletivo escolar em construir práticas pedagógicas, que conectem a Educação do Campo, nesse último período, isso tem sido mais difícil, sobretudo após a pandemia que, com a implementação de tecnologias de controle e de aulas prontas e acabadas, não sobrando espaço para que o coletivo possa pensar as reais necessidades da escola e da comunidade. Assim, cabe destacar que, embora haja uma preocupação da equipe diretiva, há uma necessidade urgente de organização e luta coletiva para defesa da autonomia escolar, da educação pública e da Educação do Campo por toda a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, C. A.; LUCINI, M. **Ensinar e aprender na educação do campo: processos históricos e pedagógicos em relação**. Educação do campo, cadernos do Cedes/Centro de Estudos Educação Sociedade – Vol.27, n.72 (2007) – São Paulo; Cortez; Campinas, CEDES, 2007. in: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. ANTONIO; LUCINI; TORRES; SIMÕES. Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ARROYO, M. G, **A escola do campo e a pesquisa do campo: metas**. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do desenvolvimento Agrário, 2006.

ARROYO, M. G; FERNANDES, B. M. A educação básica e o movimento social do campo in: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 1999 Brasília-DF.

ARROYO, M. G. in RODRIGUES, A. C. S.; MARQUES, D. F., RODRIGUES, M. A., DIAS, G. L. **Nucleação de Escolas no Campo: conflitos entre formação e desenraizamento**. 2016, Bananeiras-PB disponível in: <https://doi.org/10.1590/2175-623657687>

BARBOSA, M. M., **Processos Educativos das Mulheres Quilombolas de Candói, Paraná**, Guarapuava-PR, Área de concentração: Educação, 2023. disponível in: <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/jspui/2049/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20M%c3%b4nica%20Matos%20Barbosa.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO). **Documento Orientador**, 2013. Disponível em: http://www.portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task. Acesso em: 22 dez. 2022.

CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. ANTONIO; LUCINI; TORRES; SIMÕES. Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. A educação básica e o movimento social do campo. Por uma educação do campo/Miguel Gonzalez Arroyo Roseli Salette Caldart, Monica Castagna Molina (organizadores).3. ed.-Petrópolis, RJ: Vozes,2008.

CALDART, R. S. Sobre educação do campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos. **Por uma educação do campo**. Incra/MDA. Brasília, 2008.

CALDART, R. S. **Elementos para construção do projeto Político Pedagógico da Educação do Campo**. Trabalho necessário, Paraná, 2004.

COSTA, F. A.; CARVALHO, H. M. **Agricultura Camponesa**, in: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. ANTONIO; LUCINI; TORRES; SIMÕES. Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

Conferência PIBID e RP – UFFS, Dutra. Í, **“Educação em tempos de crise: ações urgentes de enfrentamento à exclusão escolar”**, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sLmbM65oY4>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

GERHARDT, E. T.; SILVEIRA. T. D. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GEHRKE, M., HAMMEL, A. C. in: **Formação Continuada de Educadores das Escolas Multisseriadas e Escolas Etinerantes do Paraná: A experiência do Programa Escola da Terra**, Tubarão-SC, editora: Copiart, 2016.

GEHRKE, M., HAMMEL, A. C. in: **Formação Continuada de Professores das Escolas Multisseriadas e Escolas Etinerantes do Paraná: Práticas Pedagógicas, História e Realidade das Escolas do Campo**, Tubarão-SC, editora: Copiart, 2018.

GEHRKE, M. SOUZA, R. **Educação do Campo e as Políticas Públicas Educacionais** disponível in: [https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/38420/R%20-%20E%20-%20ROSANGE LA%20DE%20SOUZA.pdf?sequence=1](https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/38420/R%20-%20E%20-%20ROSANGE%20LA%20DE%20SOUZA.pdf?sequence=1)

IV Conferência PIBID E RP UFFS, - OLIVEIRA. A. A., “**Desafios para ensinar em tempos de pandemia**” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6qpHKvIT7bI> VIII. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

KOLLING, J. E.; CERIOLI, Osfs in CALDART R. S. (Orgs) Brasília-DF, **Articulação Nacional Por uma Educação do Campo**, editora ANCA- Associação Nacional de Cooperativa Agrícola- São Paulo-SP, 2002.

Lei Nº 9.394/96 – **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília - DF: Congresso Nacional. 23 de dezembro de 1996.

LEITE, S. P.; MEDEIROS, L. S.; **Agronegócio** in: Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LOBATO, M. in: ILHA, D. D.; RIBEIRO, S. S., **O camponês na sociedade industrial: construções e desconstruções de um estereótipo**, Juiz de Fora-MG, 2017.

MENDES, M.M, Especificidades da Educação e da Escola do campo: documentos oficiais e produção bibliográfica em análise (1996-2016). Curitiba/PR, p.136 2017.

NEVES, D. P. Agricultura Familiar. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. ANTONIO; LUCINI; TORRES; SIMÕES. Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná** – Educação do Campo. Curitiba: SEED-PR, 2006.

PDM-CANDÓI in PASSOS. A; RIBEIRO. A. P.; ROCHA A. M. D.; et al, Aspectos históricos e geográficos do município de Candói. Candói/PR: EDITORA,2017.

RESOLUÇÃO CNE/CEB 1/2000. In: SOARES, Leôncio. **Diretrizes Curriculares Nacionais: Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SILVA. L. L.; LIMA. E. C. “**Educação do Campo e as Práticas Pedagógicas do mst como forma de integrar os sujeitos do campo na Escola Municipal Zumbi dos Palmares no**

município de MARI-PB”. Disponível in:
https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD4_SA5_ID_7646_05092018095657.pdf Acesso em: 21 de junho de 2023.

SIMÕES, W. ; TORRES, M. R. (2011). **Educação do campo: por uma superação da Educação Rural no Brasil.** UFPR.
<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/38662/R%20-%20E%20-%20MIRIAM%20ROSA%20TORRES.pdf?sequence=1>.

UNICENTRO; **Articulação paranaense por uma educação do campo**, Elaboração APP-SINDICATO, ARCAFAR-SUL, ASSESSOAR, CEMPO, CPT, FETAEP, FETRAF-SUL, MAB, MMC, MPA, MST, NUPECAMP, REDE PUXIRÃO, UEL, UEM, UEPG, UFFS, UFPR, UNICENTRO, UNIOESTE, UNESPAR, via campesina brasil, 2019. Disponível em: [unicentro.br/wp/educacaodocampo/files/2019/05/BOLETIM-Articulação-Paranaense-por-Uma-Educação-do-Campo-edicao2.pdf](http://unicentro.br/wp/educacaodocampo/files/2019/05/BOLETIM-Articula%C3%A7%C3%A3o-Paranaense-por-Uma-Educa%C3%A7%C3%A3o-do-Campo-edicao2.pdf) Acesso em 18 de Agosto de 2022.